



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PEDAGOGIA - GRADUAÇÃO**

**KELLY CRISTINA MONTEIRO MARTINS**

**INTERCULTURALIDADE E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS REDES:  
possibilidades educativas na comunicação digital**

**Brasília-DF**

**2023**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PEDAGOGIA - GRADUAÇÃO**

**KELLY CRISTINA MONTEIRO MARTINS**

**INTERCULTURALIDADE E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS REDES:  
possibilidades educativas na comunicação digital**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para integralização dos créditos exigidos para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientador: Dr. Alessandro Roberto de Oliveira

**Brasília-DF**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mi Monteiro Martins , Kelly Cristina  
INTERCULTURALIDADE E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS REDES:  
possibilidades educativas na comunicação digital / Kelly  
Cristina Monteiro Martins ; orientador Alessandro Roberto  
de Oliveira . -- Brasília, 2023.  
60 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia ) -- Universidade de  
Brasília, 2023.

1. Educação intercultural . 2. Educação antirracista. 3.  
Comunicação Digital . 4. Cibercultura. I. Roberto de  
Oliveira , Alessandro , orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem estado ao meu lado demonstrando apoio durante toda a minha trajetória e por todo esforço investido na minha Educação. Obrigada por me proporcionarem o melhor dessa vida e por tanto amor. Vocês são as minhas maiores referências.

À minha irmã mais velha, Carol, por sempre ser a primeira a se mostrar disposta em me ajudar e por acreditar tanto em mim. Obrigada pelo meu maior presente, nossa Lulu.

À minha irmã mais nova, Ana Clara, por sempre me motivar a ser uma pessoa melhor e por me ensinar a amar acima de todas as diferenças. Obrigada pelos aprendizados diários.

Ao meu companheiro, Andrew Gabriel, por ser abrigo seguro e por não medir esforços para me ajudar e me arrancar os mais sinceros sorrisos. Obrigada por ser leveza e calma.

À minha tia Dallas, por ser minha maior incentivadora, por ter estado presente em todos os momentos, por ser meu conforto e por compartilhar suas riquezas em forma de aprendizados – obrigada por me ensinar a voar. Obrigada pelo reencontro – nosso amor é de outras vidas.

À toda a minha família, por serem sinônimo de companheirismo e por proporcionarem os momentos mais felizes da minha vida.

Às minhas melhores amigas, Amanda, Gabi e Nila, pela construção de uma amizade tão linda e pela honra de partilhar a vida. Obrigada pela definição perfeita do que é lealdade.

A todos os meus amigos da Pedagogia, pela oportunidade do convívio, pela rede de apoio construída e por esse espaço seguro para compartilhar alegrias e dividir dificuldades – em especial, à minha amiga Maria Cecília, minha parceira de todas as horas.

À minha amiga Monique, por ser minha companheira fiel desde o primeiro semestre. Obrigada por tanto, por tudo e por sempre. Obrigada por ser meu chão e por tantas conquistas em conjunto. Você sabe, tudo que nois tem é nois. Sem você, eu não conseguiria.

Aos meus psicólogos, Marina e Valdir. Obrigada por tranquilizarem meu coração e por me ensinarem a crescer.

À minha banca examinadora, queridas Ana Tereza e Andrea Versuti. Obrigada por terem aceitado o convite e por tantos aprendizados. Vocês são mulheres inspiradoras.

À Universidade de Brasília, por ser responsável pela construção da minha identidade.

Agradecimento especial ao meu professor e orientador, Alessandro Oliveira. Obrigada por dar sentido à minha vivência no curso e por marcar tanto minha trajetória acadêmica. Obrigada por todos os aprendizados e todas as trocas. Ter você como orientador deste trabalho de conclusão de curso era um sonho desde o primeiro semestre. Obrigada pela paciência e por todas as orientações maravilhosas. Você é a minha maior referência da Faculdade de Educação.

## RESUMO

O trabalho disserta sobre a temática das relações étnico-raciais no ciberespaço como ambiente não formal de educação. O objetivo é discutir a interface entre educação, comunicação e tecnologia, cada vez mais presente na vida contemporânea, em uma perspectiva intercultural. Por meio de uma etnografia digital, a pesquisa acompanhou quatro personalidades negras que atuam como influenciadoras em plataformas como twitter e instagram, a partir da viralização da hashtag #BlackLivesMatter, em maio de 2020, até a ascensão da hashtag #WakandaForever, em agosto do mesmo ano. Os dados sistematizados neste intervalo revelam uma intensificação dos debates sobre racismo e identidade negra e apontam grande potencial das redes como ambientes de aprendizagem promissores na luta antirracista. Ao mesmo tempo, deve-se levar em consideração os limites dessas plataformas, como a efemeridade e superficialidade das discussões, além do próprio caráter neoliberal e capitalista dessas infraestruturas online, principalmente no que tange à reprodução de padrões hegemônicos e a facilidade de disseminação de desinformação, o que pode ser negativo em termos de aprendizagem, urgindo a necessidade de uma alfabetização midiática.

**Palavras-chave:** Educação intercultural e antirracista; Comunicação digital; Etnografia digital; Cibercultura.

## ABSTRACT

This paper discusses the theme of ethnic-racial relations in cyberspace as a non-formal education environment. The objective is to discuss the interface between education, communication and technology, increasingly present in contemporary life, in an intercultural perspective. Through a digital ethnography, the research accompanied four black personalities who act as influencers on platforms such as Twitter and Instagram, from the viralization of the hashtag #BlackLivesMatter, in May 2020, to the rise of the hashtag #WakandaForever, in August of the same year. The systematized data in this interval reveal an intensification of debates on racism and black identity that points to the great potential of social networks as promising learning environments in the anti-racist cause. At the same time, these platforms limits must be taken into account, such as the ephemerality and superficiality of the discussions, besides to the neoliberal and capitalist identity of these online infrastructures, especially with regard to the reproduction of hegemonic standards and the ease of misinformation dissemination, which can be negative when it comes to learning, showing up the need for media literacy education.

**Keywords:** Intercultural and anti-racist education; Digital communication; Digital ethnography; Cyberculture.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Um vídeo mostrou o oficial Derek Chauvin com o joelho sobre o pescoço de George Floyd. Fonte: New York Times <a href="https://www.nytimes.com/article/george-floyd-protests-timeline.html">https://www.nytimes.com/article/george-floyd-protests-timeline.html</a> .....	28
<b>Figura 2</b> - Influencer 4 e 3, respectivamente, manifestando-se acerca do #BlackLivesMatter no twitter .....	29
<b>Figura 3</b> - Influencer 2 e 1, respectivamente, compartilhando suas participações nos atos de junho de 2020 .....	30
<b>Figura 4</b> - Indivíduos nas redes em interação por meio de tweets do Influencer 1 acerca de participações no programa “Roda Viva” .....	31
<b>Figura 5</b> - Influencer 1 denunciando a visão racista de unicidade de pessoas pretas .....	33
<b>Figura 6</b> - Influencer 1 e 2 interagindo sobre o aspecto de cobrança de uma “única voz negra” nas redes .....	34
<b>Figura 7</b> - Influencer 1 possibilitando momento de diálogo com pessoas pretas e pessoas brancas sobre racismo .....	35
<b>Figura 8</b> - Influencer 3 reforçando seus conteúdos nas redes em contraponto à temática específica de racismo .....	35
<b>Figura 9</b> - Influencer 3 e interações de indivíduos nas redes sobre identidade e representatividade negra.....	36
<b>Figura 10</b> - Influencer 1, 3 (e resposta de seguidor) e 4 sobre a #blackkissing .....	37
<b>Figura 11</b> - Influencer 2 possibilitando debate em plataforma Instagram sobre a #blackkissing .....	37
<b>Figura 12</b> - Influencer 4, 3, 2 e 1 respectivamente, e respostas de seus seguidores sobre a #WakandaForever .....	38
<b>Figura 13</b> - Interações de indivíduos nas redes com Influencer 1 sobre empoderamento negro a partir do conhecimento .....	39
<b>Figura 14</b> - Influencer 3 introduz a ideia de “aprendizagem” nas redes a partir de um temática sobre estética negra .....	40
<b>Figura 15</b> - Seguidores da Influencer 2 reagindo a sua postagem sobre onda de indicação de pessoas negras nas redes e demonstrando ideia de “aprendizagem” em ambientes online .....	40
<b>Figura 16</b> - Indivíduos comentando possibilidade de aprendizagem nas redes a partir de postagens do Influencer 1 .....	41
<b>Figura 17</b> - Influencer 4 comentando sobre o potencial das redes para letramento da juventude negra e outros usuários das plataformas (à direita) e indivíduos reagindo a seus posts introduzindo a ideia de “aprendizagem” em ambiente online (à esquerda) .....	41
<b>Figura 18</b> - Influencer 1, 3, 4 e 2, respectivamente, tecendo críticas ao movimento do #blackouttuesday .....	42
<b>Figura 19</b> - Influencer 2, 1, 4 e 1, respectivamente, sobre o ciclo de debates nas redes e o caráter supérfluo da Internet .....	43
<b>Figura 20</b> - Influencer 2, 3, 1 e 4, respectivamente, sobre a utilização da temática negra na Internet e a busca por “likes” .....	44
<b>Figura 21</b> - Influencer 3, 4, 2 e 1, respectivamente, tecendo críticas às estruturas das plataformas .....	44

**Figura 22** - Em um programa da Rede Globo com alta audiência, a trágica situação de George Floyd foi utilizada em um contexto de entretenimento. Fonte: <https://atarde.com.br/cultura/culturatelevisao/luciano-huck-se-desculpa-por-pergunta-sobre-george>..... 45



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.....	27
---------------	----

## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL</b> .....	9
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. UMA ETNOGRAFIA DIGITAL</b> .....	18
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	18
1.2 ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO – CAMPOS DE CONVERGÊNCIAS?.....	18
1.3 CIBERCULTURA, CIBERESPAÇO E ETNOGRAFIA DIGITAL.....	20
<b>2. PERCURSO METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE</b> .....	24
2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INDIVÍDUOS ACOMPANHADOS NAS REDES E DELIMITAÇÃO DO PERÍODO DE LEVANTAMENTO DE DADOS .....	24
2.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO – ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS COLETADOS .....	26
<b>3. DO ASSASSINATO DE GEORGE FLOYD À #WAKANDAFOREVER</b> .....	28
3.1 I CAN'T BREATHE: RACISMO, VIOLENCIA POLÍCIAL E INDIGNAÇÃO .....	28
3.2 PANTERA NEGRA: PLURALIDADE, POSICIONAMENTO, REPRESENTATIVIDADE.....	33
<b>4. CIBERCULTURA, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAS E AS REDES SOCIAIS</b> .....	47
4.1 UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DAS REDES COMO AMBIENTES DE APRENDIZAGEM .....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	56

## MEMORIAL

Refletir sobre quem fomos, onde estivemos, quem somos e onde estamos é inerente ao ser humano e fundamental para seguirmos trilhando o nosso caminho e construindo percepções acerca de quem queremos ser e onde queremos estar. Nesse sentido, apresento neste memorial minha trajetória escolar e acadêmica com o intuito de pensar e elucidar questões referentes à minha formação como futura profissional da Educação e o que me aproximou da temática de interesse deste trabalho de conclusão de curso.

A minha trajetória durante a Educação Básica é carregada de boas lembranças. Estudei em apenas duas escolas, ambas particulares, sendo bolsista. Felizmente, as raras experiências ruins foram ofuscadas pelos momentos mais felizes que tive. Sempre fui muito sociável e isso marcou o meu percurso escolar, ao passo em que observava a sala de aula como um ambiente de sociabilidades e refletia sobre o meu “eu” em meio a diversidade, pensando as diversas formas de relações construídas com os diferentes grupos existentes. Acredito ser, tais características, ponto crucial sobre mim. Desde muito cedo, fui formando minha personalidade pautada em valores sociais de respeito, empatia, alteridade, da valorização das diferenças e da luta contra as variadas formas de preconceito. Assim, a Kelly na escola era essa pessoa rodeada de bons amigos, com um olhar atento a questões sensíveis e com ânsia de ajudar o outro.

A escola sempre foi um lugar em que amei estar e isso se deu, principalmente, por ser um ambiente de trocas e partilhas, um espaço social. Sendo também um espaço de formação de identidade, é um ambiente de conflitos com o seu próprio “eu”. Durante muito tempo, tive desejo de cursar Medicina pela admiração que eu tinha pelo meu pediatra e sua capacidade de ser muito humano. Após o 1º ano do Ensino Médio - momento em que percebi que meus interesses de estudo eram outros -, decidi que na realidade queria Psicologia. Não alcancei as notas para o curso na Universidade de Brasília (UnB) e coloquei Letras como opção no PAS 3. Passei para o segundo semestre de 2018. Neste meio tempo, segui fazendo cursinho para o vestibular do meio do ano. Visando a possibilidade futura de transferência interna para Psicologia, decidi tentar Pedagogia. No dia em que estava a caminho da UnB para me matricular em Letras, saiu o resultado do vestibular: aprovada em Pedagogia. Por sua abrangência, oportunidades de trabalho e pelas matérias em comum com Psicologia, escolhi voltar dois dias depois para realizar a minha matrícula na Faculdade de Educação.

A Universidade de Brasília sempre foi um sonho para mim. Desde o tempo em que queria cursar medicina, já pensava que seria lá. Em meio a diferentes tomadas de decisões, a única coisa da qual eu tinha certeza e que não abria mão era de que eu seria estudante da

instituição. Sempre tive consciência de que o ambiente escolar vai muito além da formação intelectual de seus estudantes - defendo o caráter formativo integral que envolve, ainda, dimensões físicas, culturais e sociais sobre os quais este espaço se constrói e é, inclusive, responsável por promover. Por essas aproximações de concepções que vêm desde a Educação Básica, a UnB parecia ser tudo o que eu acreditava em um só lugar. Eu a via como uma oportunidade de estar não só em uma das melhores universidades para os estudos, mas para vivências e o florescer do meu eu enquanto sujeito social, histórico e político. Certamente, não só confirmei isso ainda no 1º semestre como também tive minhas expectativas ultrapassadas.

13 de agosto de 2018. Lembro-me fielmente do meu primeiro dia de aula, com a disciplina de Perspectivas do Desenvolvimento Humano. Cheguei a cursar uma disciplina do Instituto de Psicologia neste mesmo período, já trilhando o caminho pensando na transferência. Todavia, o primeiro semestre de Pedagogia foi suficiente para me fazer mudar os planos.

Foi uma surpresa, para mim, tamanha identificação com a área da Educação. Costumo dizer que não escolhi o curso, o curso me escolheu - mas eu decidi ficar e essa é uma escolha da qual me orgulho todos os dias. A Educação, com tudo o que a envolve em seus mais variados aspectos e sentidos, é uma área que me encanta e casa muito com a pessoa que eu sou. Como dito no início, sempre sonhei em ajudar as pessoas e fazer a diferença, mínima que seja, e poder contribuir para um mundo melhor.

Qual espaço melhor para isso, se não no ato de educar?

Encontrei a virada de chave para essa percepção na disciplina de Antropologia e Educação, com meu professor e orientador Alessandro Oliveira. O meu interesse por todas as questões que envolviam o “outro” fez com que eu me encantasse por essa interdisciplinaridade. Formou a base do olhar que tenho sobre a Educação a partir do exercício do ponto básico da aproximação entre as duas áreas, segundo Pereira (2017): a alteridade - que o autor define como a tentativa de compreender as muitas formas de habitar ou produzir o mundo. Aquela Kelly da escola então, interessada e motivada pelas reflexões sobre o “outro”, encontrou seu lugar.

O primeiro ponto máximo da disciplina foi um seminário apresentado em grupo sobre um tema que viria a ser a minha maior área de interesse no curso: Interculturalidade, Educação das Relações Étnico-Raciais e Pedagogia Decolonial. O segundo ponto máximo foi um trabalho realizado de pesquisa de campo onde experimentamos as nuances da etnografia e onde construí e fortaleci as minhas maiores amizades na Pedagogia.

Desde então, segui trabalhando com essa interdisciplinaridade entre Antropologia e Educação em cada disciplina e cada trabalho feito durante o curso. Realizei as disciplinas de projeto 3.1 e 3.2 e participei do Programa de Iniciação Científica voltado para a temática

específica da minha área de interesse. Cursei “Educação das Relações Étnico-Raciais” e fui monitora da disciplina posteriormente com a querida professora Ana Tereza. Pude, dessa forma, me aprofundar ainda mais na temática.

O PIBIC apareceu como uma oportunidade de acesso à cultura científica e de desenvolvimento de habilidades necessárias para sua integração, permitindo uma experiência de pesquisa que, além de ter despertado ainda mais o meu interesse em seguir essa área (ressalto a importância que a disciplina “Pesquisa em Educação 1” teve nesse sentido), possibilitou um aperfeiçoamento nos estudos acerca do meu tema de interesse. Participei do Edital 2019/2020, cujo trabalho fez parte de um projeto guarda-chuva “Cognição e Ambientes de Aprendizagem: Etnografias das Práticas Educacionais” sob orientação do professor Alessandro Oliveira em conjunto com trabalhos de outras duas colegas: um sobre pedagogia feminista e outro sobre pedagogia waldorf, ao passo em que o meu se pautava em uma pedagogia decolonial.

A pandemia da Covid-19 em 2020 inviabilizou pesquisas presenciais de campo e, com isso, nossa metodologia – que consistia em pesquisa etnográfica em instituições escolares – teve de ser alterada. Assim, somando-se aos movimentos antirracistas ocorridos durante o mesmo ano e à necessidade de repensar o panorama da própria educação, minha pesquisa passou a ter como foco o “ciberespaço” e a “cibercultura”, intitulando-se “Interculturalidade e questões étnico-raciais nas redes: implicações no campo de uma educação digital”. Este trabalho de conclusão de curso resulta, então, dos estudos iniciados no PIBIC em 2019 e incorpora algumas novas informações e reflexões na medida em que voltamos a nos debruçar sobre o material.

Quero ressaltar, ainda, a importância que a disciplina de “Educação e Linguagens Tecnológicas” teve neste contexto. Por meio dos debates sobre cibercultura e ciberespaço, a professora Andrea Versuti sempre nos incentivou a refletir criticamente sobre variadas questões e nos atentou para a necessidade de repensar a Educação em um mundo tecnológico como o de hoje. Suas aulas em muito contribuíram para que este trabalho fosse possível.

Recentemente, também me identifiquei com a área da Psicopedagogia e tudo que envolve a Educação Especial e Inclusiva, graças ao estágio que estou realizando na Rede Sarah há um ano e alguns meses. É minha primeira experiência de estágio e está sendo enriquecedora. Foi uma oportunidade de atuação em uma área completamente diferente, que é a Pedagogia Hospitalar. Eu amadureci e cresci muito enquanto pedagoga em formação e sigo desenvolvendo um trabalho pautado na valorização das diferenças, respeito às necessidades e individualidades e valorização das potencialidades de cada sujeito; trabalho esse que sei que fará a diferença (como já faz) na minha atuação profissional, seja onde for.

Durante a minha trajetória no curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, vivenciei experiências incríveis em cada disciplina e em cada espaço da instituição. Hoje, posso dizer que aproveitei ao máximo tudo que a UnB tem para oferecer. Cursei disciplinas de outros cursos, conheci outros departamentos, realizei atividades de extensão, fui monitora duas vezes, estou no meu terceiro projeto de pesquisa e agora iniciei o Programa de Residência Pedagógica - que, mesmo em pouco tempo, tem me gerado muitas reflexões sobre a participação da(o) pedagoga(o) no processo formativo e de ensino-aprendizagem de cada indivíduo de maneira responsável, respeitosa, consciente e significativa em cada atividade, aula e projeto desenvolvido, pensando a escola pública em sua totalidade e levando em consideração, inclusive, as dificuldades vivenciadas enquanto sistema de ensino.

Como nem só de estudos e pesquisas a Universidade é feita, participei de muitos momentos de integração, conheci outras realidades, partilhei momentos inesquecíveis com pessoas maravilhosas, seja nas conversas ou nos trucos no Centro Acadêmico, nas refeições no Restaurante Universitário (RU), nas torcidas pela Atlética Atentada, nos encontros no varandão da FE 1, nas aventuras pelo ICC, nas viagens no 110, nas festas universitárias, nas viagens para os eventos em Uberaba, e, claro, nos famosos “hh” (happy hour) às quintas-feiras.

O momento de maior alívio durante esses 4 anos foi, sem dúvidas, a volta ao ensino presencial, depois de longos 4 semestres de ensino remoto - um pesadelo que felizmente (!!!) acabou. A Universidade de Brasília vive em cada um de nós. Sou apaixonada por essa instituição que é a maior responsável pela formação da minha identidade hoje.

**Uenibe-se**

*ensino, enfim*

*pesquisa sem fim*

*extensão de mim*

- poetrix, produção autoral

Apresentar este Memorial sobre minha trajetória escolar e acadêmica foi muito especial para mim. Permitiu-me refletir sobre como cheguei onde estou e onde quero estar. Levarei as experiências vivenciadas durante a graduação por onde eu for. Honrarei os ensinamentos proporcionados e afirmo meu compromisso e amor pela docência.

Por uma educação crítica, libertadora e emancipatória. **Paulo Freire vive!**

## INTRODUÇÃO

O resultado da estrutura racista constituinte da sociedade brasileira encontra-se nas relações conflituosas entre os grupos étnico-raciais e, conseqüentemente, no reforço às desigualdades raciais, sociais e de oportunidades, contrapondo o que prega o mito da democracia racial no país. O ambiente escolar, sendo espaço de convívio entre diferentes realidades e identidades e sendo reflexo desse mundo exterior a ele, reproduz também esses conflitos nas relações e, por conseqüência, compromete a equidade racial na educação. Exemplo disso, para Gomes (2002), se encontra nas narrativas escolares que reforçam estereótipos negativos sobre os corpos negros, fazendo perpetuar o preconceito e corroborando a discriminação racial.

Ramos (2015) discorre sobre a temática trazendo estereótipo, preconceito e discriminação racial numa linha de raciocínio de causa-conseqüência. Primeiro, a identidade negra é marcada por estereótipos negativos que reforçam uma noção de inferioridade, estereótipos esses que, sendo carregados de valores e estigmas, levam à manifestação de um julgamento prévio - o preconceito - que, por sua vez, serve de base para ações que violam direitos, a discriminação racial.

Essas narrativas de construção de uma identidade negra negativa carregam os efeitos do que alguns autores como Quijano (2007) e Mignolo (2005) chamaram de colonialidade. Conceito mais amplo que o de colonialismo - pois não se encerra nele como regime -, a colonialidade aparece tecendo raízes mais profundas ao operar na subjetividade do subalternizado, no imaginário social, na hierarquização dos modos de produção de conhecimento, constituindo-se como colonialidades do poder, saber e ser. No processo histórico de constituição dos Estados Nacionais na América Latina, impôs-se uma hegemonia histórico-cultural e epistêmica que tem no cerne de sua discussão os conhecimentos e modos de vida ocidentais como os únicos legítimos. Dessa forma, houve um processo de apagamento e silenciamento da história dos povos não-europeus, impondo sobre esses a lógica dominante como referência e padrão a ser seguido, tirando-lhes o direito de se reconhecer na história e forçando a necessidade de buscar aniquilar-se para ser.

A colonialidade do ser é pensada, portanto, como a negação de um estatuto humano para africanos e indígenas, por exemplo, na história da modernidade colonial. Essa negação, segundo Walsh (2006), implanta problemas reais em torno da liberdade, do ser e da história do indivíduo subalternizado por uma violência epistêmica. (CANDAU; OLIVEIRA, 2010, p.22)

Dessa forma, a compreensão de como as colonialidades operam na racialização dos sujeitos, seus mundos e seus saberes é essencial nos projetos educativos que buscam valorizar a diversidade, como defendem Reis da Silva e Soares (2021). Nesse sentido, segundo as autoras, o debate sobre a interculturalidade aparece como forma de não apenas questionar a lógica hegemônica, mas de identificar e enfrentar essas colonialidades que subalternizam os povos tradicionais, suas identidades e vivências.

O conceito de interculturalidade se apresenta para Nascimento (2014) como uma **relação entre as culturas**, em que a base é o diálogo. Assim, para o teórico, a interculturalidade é um diálogo entre pessoas e/ou grupos de culturas distintas que possui nessa ferramenta a força para a resolução de conflitos, uma vez que “é compreensivo, e até mesmo inevitável, que diferentes identidades culturais sejam tensionadas e friccionadas quando convergem para um mesmo tempo-espaço” (REIS DA SILVA; SOARES, 2021, p.10), sendo, então, os conflitos de identidade intrínsecos à vida social (NASCIMENTO, 2014).

À luz de Ansion (2007), o estudioso discute a interculturalidade no campo da educação enquanto um projeto que questiona as desigualdades construídas com base na hierarquização das culturas e que tem como proposta a construção de relações igualitárias e o estabelecimento de pontes dialógicas a fim de “proporcionar uma convivência mais harmoniosa, já que neste projeto, as diferenças não são vistas como sinônimo de desigualdades, mas como constituidoras da democracia” (NASCIMENTO, 2014, p. 78).

Isso enfatiza a importância de um diálogo intercultural que valorize a diversidade cultural e promova sentimento de comunhão para com as outras identidades e culturas (REIS DA SILVA; SOARES, 2021). Nesse sentido, o conceito de educação intercultural surge, para Nascimento (2014), como uma forma de possibilitar a relação entre membros de sociedades caracterizadas de modos variados em relação às suas culturas e se apresenta como

(...) um processo complexo e multidimensional que envolve diferentes fatores, tais como, a pessoa, o grupo social, a língua, a religião, etc., não se limitando apenas ao reconhecimento, mas indo além deste, promovendo acima de tudo uma interação entre os sujeitos. Tal interação vai além da dimensão individual e de suas respectivas identidades culturais. (NASCIMENTO, 2014, p. 59-60)

Considerando essas aproximações teóricas e conceituais, um dos maiores desafios para a educação brasileira contemporânea consiste na construção de um espaço que inclua conhecimentos-outras, isto é, que fogem à lógica eurocentrada na qual a escola está estruturada, e que reconheça a diversidade pluriétnica existente no país. Um dos caminhos para esse horizonte educativo é adotar uma perspectiva intercultural onde há “um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando



desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença” (WALSH, 2001, p.10-11). Uma educação para/das relações étnico-raciais, que adote estratégias pedagógicas de valorização das diferenças, representando uma das formas de luta antirracista mais pertinentes no contexto atual.

Entretanto, será possível olharmos para essa pedagogia considerando outras formas de construir o conhecimento? As plataformas digitais e suas dinâmicas regidas por algoritmos podem ser ambientes de aprendizagem nessa perspectiva? Se a resposta for afirmativa, sujeitos reconhecidos como influenciadores seriam os mediadores pedagógicos deste processo?

O diálogo, como condição constitutiva da interculturalidade (NASCIMENTO, 2014), acontece dentro de contextos diversos através de variados suportes, como por exemplo, os meios de comunicação de massa. Os processos comunicacionais, sendo inerentes à vida em sociedade, acompanham as mudanças culturais ocorridas em cada período histórico e contexto social e, assim, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação se inovam, eles também modificam a cultura do sujeito social e transformam os modos de ser, relacionar, conhecer e aprender, como afirmam Versuti e Lima (2018). Nesse contexto, o surgimento da Internet proporcionou a construção de uma cultura digital ou cibercultura ocorrida no ciberespaço - aqui entendido como “o conjunto de todas as plataformas midiáticas, nas quais encontramos uma infinidade de conteúdos em constante consumo, produção, transformação e compartilhamento pelos usuários da rede” (VERSUTI; LIMA, 2018, p.326).

Dessa maneira, o diálogo entre as áreas da comunicação e educação desempenham papel central na contemporaneidade por integrarem

(...) desde o cotidiano da vida associada às práticas educativas e culturais até as influências sobre as sociabilidades em que camadas de significados e ampliação de repertórios culturais que (des)velam o que vem ocorrendo no interior da chamada cultura digital (SILVA; VERSUTI; TELES, 2021, p. 270-271)

Considerando esses apontamentos, o objetivo desta pesquisa foi compreender as possibilidades de estratégias pedagógicas antirracistas em ambientes online, visto que, na atualidade, os desafios da educação abrangem também a necessária interface entre educação, tecnologia e comunicação, a fim de entender de que maneira a temática da educação das relações étnico-raciais emerge no ciberespaço e discutir representatividade, racismo e construção de identidade nas redes.

Nessa linha de fugir a uma lógica que apresenta o progresso humano como um processo linear e único em que se tem um modelo padrão, o conhecimento também pode ser construído sob uma outra perspectiva, a lógica da rede, para romper com o que Alves (2002) chama de

uma maneira linear e hierarquizada que mostra um único e obrigatório caminho. No contexto contemporâneo, é inevitável - e imprescindível – que a tentativa de compreensão das formas de habitar e produzir o mundo alcance o mundo das redes, pois vivemos imersos em uma cibercultura, que pode ser definida como

(...) uma forma específica de cultura decorrente dos modos continuados e diferenciados de usos da rede, por agentes específicos e heterogêneos que, neste processo, vêm produzindo certos *habitus* ou estilos de vida em rede. (FREITAS; GOMES, 2015, p.1-2)

O interesse por essa temática nesses termos se deu pelos impactos da pandemia da Covid-19 nas dinâmicas de vida em escala global e nas rotinas cotidianas da educação. O distanciamento social imposto pela doença afetou a pesquisa de campo baseada na interação face a face. Minha expectativa inicial era realizar a pesquisa sobre educação e relações étnico-raciais em uma instituição escolar, visando identificar ambientes de aprendizagem que promovessem justiça cognitiva a partir de uma perspectiva intercultural crítica. O advento da pandemia mudou radicalmente esses planos, todavia, também abriu espaço para aprender e refletir sobre inovações metodológicas nesse tipo de pesquisa em educação realizada nas redes.

No ano de 2022, trabalhos realizados em ambientes digitais também foram produzidos na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, com os quais esta pesquisa dialoga. Nascimento (2022) trabalhou com o movimento feminista enquanto importante mediador de processos de ensino e aprendizagem em ambientes virtuais, ao passo em que Costa (2022) pesquisou sobre a influência do ciberfeminismo no contexto de meninas e mulheres vítimas de relacionamentos abusivos sob um viés informacional de práticas de enfrentamento à violência e educativo para os direitos femininos.

Este trabalho de conclusão de curso versa sobre as possibilidades das redes sociais e dos influenciadores digitais enquanto mediadores de um processo de ensino e aprendizagem pautado em práticas pedagógicas antirracistas. Esse estudo começou a ser feito em uma experiência de iniciação científica vivenciada nos anos de 2019 e 2020 na Universidade de Brasília, sob orientação do professor Alessandro Oliveira, cujo trabalho intitulou-se “*Interculturalidade e questões étnico-raciais nas redes: implicações no campo de uma educação digital*”<sup>1</sup>. Por um lado, esse acúmulo foi importante para a consolidação do trabalho final de curso, por outro, me permitiu revisitar os dados, incorporar novas informações e avançar nas reflexões esboçadas naquele primeiro exercício.

---

<sup>1</sup> O resumo do trabalho encontra-se nos anais do 26º Congresso de Iniciação Científica da UnB e do 17º Congresso de Iniciação Científica do DF, podendo ser acessado pelo link: <https://conferencias.unb.br/index.php/iniciacaocientifica/26CICUNB17DF/paper/view/34851>

O ponto de imersão nesse universo de discussões foi o trágico episódio ocorrido com George Floyd, um homem negro de 46 anos, assassinado no dia 25 de maio de 2020 em Minneapolis por um policial branco, Derek Chauvin, que o manteve imobilizado no chão com o joelho em seu pescoço enquanto a vítima clamava, repetidas vezes: “*I can’t breathe*”. A tragédia causou revolta nos EUA e se espalhou rapidamente por todo o mundo, gerando uma grande mobilização na internet em torno de um movimento intitulado #BlackLivesMatter<sup>2</sup>, que, por sua vez, culminou num caloroso debate sobre racismo e as relações étnico-raciais também no Brasil. Impactada por esse episódio e sua repercussão no ambiente das redes no país, passei a delinear uma estratégia metodológica para abordar esse campo digital a partir da interseção entre Antropologia e Educação, da qual trato na próxima seção.

---

<sup>2</sup> Houve também uma variação da tag em sua tradução para o português “#VidasNegrasImportam”, que também viralizou no Brasil e foi considerada neste trabalho.

## 1. UMA ETNOGRAFIA DIGITAL

### 1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, discuto a aproximação dos campos da Antropologia e da Educação a partir de suas semelhanças e diferenças e apresento a etnografia como o lugar de fronteira entre essas duas áreas do conhecimento (GUSMÃO, 2015). Abordo, ainda, conceitos de etnografia ocorrida em ambientes online a partir de um resgate histórico para delinear a metodologia da pesquisa, definida então pela via da “etnografia digital”.

### 1.2 ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO – CAMPOS DE CONVERGÊNCIAS?

Essa pesquisa foi desenvolvida do ponto de vista teórico e metodológico em uma perspectiva interdisciplinar, articulando os campos da Antropologia e da Educação. A interdisciplinaridade entre essas áreas do conhecimento tem sido, historicamente, debatida nas ciências sociais sob variadas perspectivas.

Como observa Gusmão (2015), enquanto campos do saber, antropologia e educação se diferem em princípios, pressupostos e corpus de conhecimento que podem produzir tensões e conflitos epistêmicos na intercomunicação entre eles. Se consideramos, como Dauster (2007; 2015) que a antropologia se configura como um projeto de conhecimento sobre as diferenças culturais entre grupos humanos construído a partir de uma postura compreensiva, interpretativa e especulativa, ancorado historicamente sobre o conceito de cultura – e a Educação, por outro lado, como prática concreta de intervenção na sociedade, “uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características do “ser humano” (LIBÂNEO, 2007, p. 30 apud DAUSTER, 2015); como aproximar o projeto antropológico de conhecimento das diferenças com o projeto educativo de intervenção na realidade das existências humanas?

Ainda que alguns autores, como Libâneo, reivindicuem à Pedagogia como ciência da educação, reconhecemos a natureza interdisciplinar do domínio educativo, na medida em que se apropria de fundamentos da filosofia, da psicologia e a história para refletir sobre a prática pedagógica. Nesse sentido, há também possibilidades de convergências e comunicação entre as áreas da Antropologia e da Educação, sobretudo no que diz respeito à urgência de um olhar para o processo educativo centrado não apenas na ação educativa, “de ordem prática e mais prescritiva”, mas, principalmente, no campo educacional – esse, que “busca uma visão

compreensiva da realidade social, mais interpretativa, ordenada pelo campo político e pelas relações de poder” (GUSMÃO, 2015, p.22).

Segundo a autora, essas possibilidades incluem um olhar antropológico para a Educação enquanto um processo inerente às relações humanas e à vida, e não mais como um saber que separa a educação aprendida da escola dos processos educativos ocorridos na vida social. Além disso, nas últimas décadas vem se consolidando a percepção da necessidade de reconhecimento da heterogeneidade sociocultural no campo educacional que reflete em novas exigências para as práticas pedagógicas. A compreensão desses cenários em que a cultura ganha centralidade no debate sobre a educação pode se beneficiar das perspectivas elaboradas pela Antropologia. Neste cenário, a educação encontra na antropologia uma aliada, como um modo de colocar problemas, de desenvolver aproximações e elaborar reflexões na convergência entre os estudos da cultura e dos mecanismos educativos.

Ora, ao chamar de antropologia “um campo de estudo que assumiria para si a responsabilidade de aprender com a maior variedade de abordagens possível” (INGOLD, 2019, p.7), em que se discute a vida que vislumbramos viver a partir de relações de correspondência com a sabedoria e experiência do “outro”, sem objetificação, distinção ou romantização da diferença, esse campo parece se aliar à concepção intercultural da educação que inclui necessariamente a diversidade sociocultural em sua prática pedagógica.

Na história teórica da Antropologia, se desenvolveu um modo específico de construir conhecimento com atenção à alteridade – a etnografia (DAUSTER, 2007; GUSMÃO 2015; PEREIRA 2017). Longe de ser resumida a métodos, técnicas e instrumentalizações, Pereira (2017) afirma que a etnografia é um modo de produção de estudo não sobre o outro, mas com o outro, em que se estabelece relações e se reconhece as subjetividades das pessoas como parte do processo de produção de conhecimento. Nesse sentido, mais que produzir uma descrição de determinada cultura ou experiências compartilhadas, “cabe ao etnógrafo explicar como essas experiências e dinâmicas sociais constituem teias de significado” (POLIVANOV, 2013, p.62).

A etnografia é situada por Gusmão (2015) como lugar de fronteira entre a Antropologia e a Educação e definida como um modo de fazer pesquisa capaz de trabalhar com a dinamicidade dos fenômenos educacionais e dos sujeitos dos processos educativos. Assim, o contexto educativo pensado pela perspectiva da heterogeneidade sociocultural, tem encontrado no fazer etnográfico apoio, em termos de pesquisa e prática, para avançar no debate. Embora seja uma perspectiva aberta e flexível, essa aparente facilidade da utilização dos procedimentos etnográficos muitas vezes pode levar a banalização do processo metodológico, resultando em descrições superficiais e carregadas de subjetivismo. Em etnografia, teoria e método são

considerados de maneira indissociável, portanto, o percurso metodológico é orientado por uma vigilância epistemológica permanente que triangula a experiência de campo, a descrição densa e a análise indutiva dos processos observados.

Orientada por essa perspectiva, o desenho original da pesquisa consistia em uma pesquisa etnográfica presencial, abrangendo a prática de uma observação participante em um contexto empírico, em que a pesquisadora realiza uma imersão pessoal, embora seja guiada por um saber disciplinar que guia nossas faculdades básicas do entendimento como o “olhar, ouvir e escrever” (OLIVEIRA, 1996). A pesquisa de campo implicaria a convivência intensiva com uma coletividade/instituição e o uso de recursos como diário de campo, registros de fotografias e vídeos, realização de entrevistas com atores-chave, na busca de compreender uma determinada realidade educacional. Contudo, isso precisou ser transformado devido à pandemia da Covid-19 que impossibilitou pesquisas presenciais, além de exigir uma mudança no panorama da própria educação. Dessa maneira, a pesquisa passou a ter um outro foco: o mundo virtual, o “ciberespaço”, encontrando na etnografia digital os recursos necessários para a sua realização, pautados no universo da cibercultura.

### 1.3 CIBERCULTURA, CIBERESPAÇO E ETNOGRAFIA DIGITAL

A discussão sobre a pesquisa de caráter etnográfico no ciberespaço permeia debates entre os estudiosos das Ciências Sociais pelo menos desde o final do século XX. No campo da Antropologia, a própria etnografia enquanto metodologia de pesquisa é alvo de controvérsias e essa “tendência” que inclui o ambiente virtual enquanto campo de estudo da cultura, práticas e dinâmicas sociais, também apresenta problematizações.

Em seu livro sobre “Métodos de Pesquisa para a Internet”, as autoras Fragoso, Recuero e Amaral (2011) discutem a variação de termos que aparecem relacionados à etnografia em meio digital citando que ora aparecem como sinônimos e ora são apontados os seus diferenciais. Essas terminologias, segundo as autoras, perpassam os conceitos de netnografia, etnografia virtual, etnografia digital, webnografia e ciberantropologia.

De acordo com essas pesquisadoras, Netnografia seria um neologismo criado na metade dos anos 90 (net+etnografia) relacionado à área da comunicação e marketing, e que, por se aproximar da análise do comportamento de consumidores em contexto online, é também vinculada à pesquisa de mercado, tendo Robert Kozinets como seu principal defensor. Igualmente se aproxima ao marketing e à pesquisa de mercado a terminologia webnografia, tendo seu diferencial na análise de métricas e audiência dos sites, segundo estas estudiosas.

Já a ciberantropologia seria um “estudo dos humanos nos ambientes conectados” baseado “nos conceitos da antropologia ciborgue de Donna Haraway para examinar a reconstrução tecnológica do homem e preparar o etnógrafo para lidar com uma categoria mais ampla de “ser humano” em suas reconfigurações” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 198-199).

Finalmente, Polivanov (2013) traz Cristine Hine como uma das primeiras autoras a se dedicar à análise de interações sociais na internet por meio da etnografia virtual, termo que a autora opta por utilizar desde seu livro “Virtual Ethnography”, publicado em 2000. Sendo assim, etnografia virtual teria como objetivo “fazer justiça à riqueza e complexidade da Internet e também defender a experimentação dentro do gênero como uma resposta a novas situações” (HINE, 2000, p.13 apud FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p.172), onde, para as autoras, a construção do campo acontece em termos reflexivos e subjetivos em vez de serem constitutivos da realidade social.

Para etnografia digital, as pesquisadoras conceituam enquanto possibilidade de ampliação da etnografia virtual através de um intenso uso das redes digitais postando o material coletado. A Coletiva Ciborga<sup>3</sup> (2022), em seu ebook “Etnografia digital: um guia para iniciantes nos estudos da linguagem em ambientes digitais”, traz também como diferencial desta última a ausência de distinção entre online e off-line, compreendendo tudo que se conecta nessa relação.

Apesar disso, é importante ressaltar que Fragoso, Recuero e Amaral (2011), apoiando-se também em Hine (2009) e Kozinets (2010), questionam a necessidade de toda essa variedade de terminologias e as resumem, como demonstra Polivanov (2013), como metodologias de pesquisa que consistem na arte de descrever um grupo humano em todos os seus contextos analisados no ciberespaço, no qual há produção de sentido e significado, sem deixar de levar em consideração “as especificidades nos modos de coleta de dados e observação nos ambientes digitais” (p.69).

Independentemente da terminologia utilizada, acreditamos que se deva enfatizar a “importância do trabalho etnográfico na compreensão da produtividade social do “ciberespaço””, permitindo-nos assim “perceber que a existência social dos espaços criados na ‘comunicação mediada por computador’ está diretamente relacionada aos padrões culturais construídos pelos sujeitos em interação”, sendo necessária “uma abordagem sempre contextual (...) considerando-se que os aspectos relativos à interação num dado contexto social só adquirem significado se analisados no seu próprio registro”. (MÁXIMO, 2006, p. 26 apud POLIVANOV, 2013, p.69)

---

<sup>3</sup> A Coletiva Ciborga é uma coletiva de mulheres pesquisadoras feministas que estão situadas tanto nas fronteiras disciplinares dos estudos linguísticos quanto nas fronteiras dos mundos online e offline em seus fazeres etnográficos (COLETIVA CIBORGA, 2022, p.9).

Este trabalho optou por utilizar a terminologia “etnografia digital” para caracterizar a metodologia utilizada, sendo uma etnografia “adaptável que se propõe a adequar-se às condições em que se encontra” (HINE, 2000, p.65 apud COLETIVA CIBORGA, 2022, p.75), em que deve-se “sempre ficar atenta ao nexo online-offline”, compreendendo que “as ações que vemos ocorrer no ambiente online estão conectadas ao ambiente offline e essa conexão é uma via de mão dupla: o que ocorre online tem efeitos nas ações offline e o que ocorre offline tem efeitos nas ações online” (COLETIVA CIBORGA, 2022, p.51).

Miller e Slater (2004), estudiosos de referência em pesquisa em ambientes digitais, também atentaram para a necessidade dessa compreensão entre online-offline, demonstrando a importância da contextualização desse vínculo em etnografias digitais em que o comportamento online pode ser observado sob uma perspectiva offline.

Para além disso, Sá (2005, apud Polivanov, 2013) defende que os preceitos básicos da etnografia devem ser mantidos quando se fala em etnografia digital. Segundo o autor, é preciso manter a postura inicial de estranhamento e a consideração da subjetividade, por exemplo.

Neste processo, como explicitam Freitas e Gomes (2015), há a criação de singularidades e alteridades como parte de contextos de uso e estilos de vida na rede. Tendo a alteridade como ponto básico da aproximação entre Antropologia e Educação (PEREIRA, 2017), e sendo o ciberespaço responsável pela produção de novos nexos sociais e de novas experiências subjetivas, como defendem Ramos e Freitas (2017), “a importância atribuída à alteridade demanda que nos perguntemos se há um Outro nesse novo do digital e qual a sua natureza” (RAMOS; FREITAS, 2017, p.10). Nesse sentido, a etnografia vem para restituir analiticamente o sentido do mundo sociodigital.

A sensibilidade etnográfica também se faz presente quando se fala em etnografia digital, bem como o pensar em subjetividades. É necessário olhar então para o que está além da tela. Isso significa também ater-se a um aspecto dos mundos virtuais, segundo Freitas e Gomes (2015), sobre sua instabilidade quanto às ações e interações, já que não são compreendidos da mesma forma por todos os agentes em seus diferentes contextos socioculturais e são constantemente reconfigurados a partir das diversas apropriações e significações que recebem.

Por isso, devemos levar em consideração as especificidades do online, fazendo também um processo de desnaturalização das redes para, além de tratá-las por uma perspectiva social e antropológica, entender que cada uma tem suas particularidades.<sup>4</sup> Portanto, deve-se considerar,

---

<sup>4</sup> É o que defende a professora Tânia Freitas (2020) no segundo webinar sobre implicações da etnografia online, intitulado: Etnografia nas redes sociais: trânsitos, convergências e divergências. O webinar faz parte de uma série



pela característica de efemeridade que as redes sociais possuem, a dinâmica trazida por Leitão e Gomes (2017) sobre um etnógrafo transeunte e uma observação flutuante: é sobre transitar junto, percorrer diferentes redes, entender suas peculiaridades e deixar-se conduzir pelo inesperado.

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Com base na discussão delineada nas linhas acima, essa pesquisa aconteceu em campo digital com base em conceitos de etnografia digital e antropologia das mídias (enquanto meios possibilitadores de comunicação na internet) para a compreensão da questão étnico-racial nas redes. Delimitamos o escopo da pesquisa pelo acompanhamento de quatro personalidades negras, as quais nomeamos de “Influencer 1”, “Influencer 2”, “Influencer 3” e “Influencer 4”, em duas plataformas (twitter e instagram), que são tanto produtoras de conteúdo nas redes para a educação das relações étnico-raciais quanto produtoras de conteúdo de humor e estética.

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INDIVÍDUOS ACOMPANHADOS NAS REDES E DELIMITAÇÃO DO PERÍODO DE LEVANTAMENTO DE DADOS

“Influencer 1” é um homem preto, jovem, engenheiro civil, ministrante de cursos de letramento racial, palestrante, colunista e criador de conteúdo digital sobre questões raciais, cultura negra, racismo e formas de luta antirracista. Foi eleito pela VIU HUB<sup>5</sup> o segundo perfil que mais ganhou visibilidade no Instagram a partir do movimento citado durante os meses de maio e junho de 2020. Hoje, conta com mais de 130 mil seguidores na plataforma, além de quase 139 mil seguidores no Twitter. Em seu perfil no LinkedIn, refere acreditar “na educação como ferramenta de transformação e acredito que conhecimento gera reflexão e reflexão estimula ação e por isso minha trajetória é marcada pela disseminação do conhecimento que adquiri enquanto um homem preto nascido na periferia.” (sic)

“Influencer 2” é uma mulher preta, jovem, historiadora, modelo, professora da Educação Básica no Distrito Federal (DF), criadora de conteúdo nas redes sociais sobre práticas, vivências e desafios da docência, sobretudo por meio do compartilhamento de suas experiências em sala de aula. Colaboradora de página no Instagram sobre ativismo negro e idealizadora de um projeto no DF que debate negritude e ancestralidade nas escolas, possui quase 36 mil seguidores no Instagram e mais de 85 mil seguidores no Twitter.

“Influencer 3” é mulher preta, 28 anos, modelo, youtuber, blogueira e criadora de conteúdo digital sobre moda, beleza e vídeos humorísticos. Utiliza sua visibilidade também para abordar a luta pela representatividade por ser uma blogueira preta e denuncia as

---

<sup>5</sup> VIU HUB é uma área da Globosat, maior programadora da América Latina, focada no desenvolvimento de projetos e conteúdos digitais e que pesquisou o movimento #BlackLivesMatter em números no ano de 2020 – Disponível em: <https://gente.globo.com/blacklivesmatter-em-numeros/>

dificuldades que mulheres negras encontram na indústria da moda e beleza. Atualmente, possui quase 10 milhões de seguidores no Instagram e mais de 2,7 milhões de seguidores no Twitter.

Por último, “Influencer 4” é uma mulher preta, 35 anos, palestrante, escritora, pesquisadora, graduada e mestre em Direito, doutoranda em Sociologia. Discute temas, cria conteúdos digitais e oferece cursos relacionados às questões raciais, gênero, feminismo negro e cultura científica. Dissemina conteúdo nas redes sociais relacionados às temáticas citadas por acreditar no potencial de ensino que as plataformas oferecem. Possui mais de 50 mil seguidores no Instagram e quase 168 mil seguidores no Twitter.

Para navegar nesse universo do ciberespaço, foram definidos quatro eixos de acompanhamento: intelectuais negros, aliados, resistências e reações racistas, em um intervalo de tempo de pouco mais de três meses com períodos definidos de grandes movimentações nas redes por meio da ascendência de *tags*, descritas a seguir. A delimitação temporal do levantamento de dados teve início no assassinato de George Floyd nos Estados Unidos e acompanhou a reverberação da *hashtag*<sup>6</sup> #BlackLivesMatter.

Essa tag viralizou pelas redes e gerou uma onda global de debates sobre o racismo, identidade negra e outras questões relacionadas à própria infraestrutura das redes. Surgiram movimentos como #Blackouttuesday, além da discussão em torno da #BlackisKing. O ponto de encerramento da fase de levantamento de dados foi definido com o episódio da morte de Chadwick Boseman, ator americano internacionalmente conhecido por suas atuações em produções cinematográficas com essa agenda, em particular o filme “Pantera Negra”. O falecimento precoce do jovem ator negro, ocorrido em 28 de agosto de 2020, levantou a tag #WakandaForever no twitter, gerando uma nova onda de repercussão do tema, desta vez com enunciados sobre orgulho identitário, representatividade e afirmação cultural da negritude.

Observou-se relações entre quem emite e quem consome esses conteúdos e seus impactos na construção de práticas pedagógicas antirracistas. Para tanto, houve uma coleta etnográfica de materiais sensíveis por meio de *hashtags* nas redes: postagens, produções audiovisuais, lives, interações entre sujeitos em suas variadas formas como fontes para a análise da problemática, além da produção de um diário de campo sobre as impressões da pesquisadora e questões levantadas durante todo o processo de pesquisa. Para fins de dimensão ética, as personalidades acompanhadas, bem como outros sujeitos na rede, terão suas identidades preservadas.

---

<sup>6</sup> Termo aglutinador de discussões feitas em redes sociais que, ao inserir o símbolo (#) antes da palavra/frase e feita a publicação, gera-se um hiperlink que dá acesso a uma página com variadas publicações associadas ao mesmo tema.

## 2.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO – ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS COLETADOS

Em termos de análise, neste trabalho, nos orientamos pelo método de Bardin (2011) para análise de conteúdo em pesquisas qualitativas com o objetivo de organizar e interpretar os materiais coletados nas redes. A autora define a Análise de Conteúdo como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47 *apud* CÂMARA, 2013, p.182).

Esse procedimento consiste no esforço do pesquisador em “entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal” e, principalmente, buscar “outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira” (CÂMARA, 2013, p.182).

Seguindo esses preceitos, dividimos o trabalho de análise em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação do material. Na primeira fase, realizamos uma análise prévia dos materiais por meio de uma “leitura flutuante” das postagens em redes sociais (Twitter e Instagram) dos quatro influenciadores acompanhados durante o período definido e suas repercussões em forma de *likes*, *retweets*<sup>7</sup>, respostas, comentários e compartilhamentos. Posteriormente, selecionamos os materiais para análise utilizando recursos das próprias plataformas, como abas para “itens salvos”, para constituir o corpus da pesquisa, atentando-se às regras da exaustividade (“deve-se esgotar a totalidade da comunicação”), homogeneidade (“os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem obtidos por técnicas iguais”) para possibilitar comparação e categorização, representatividade (“a amostra deve representar o universo”) e pertinência (“os documentos precisam adaptar-se ao conteúdo e objetivo da pesquisa”) (CÂMARA, 2013, p.183).

Nesse sentido, os materiais coletados referem-se à temática da interculturalidade e questões étnico-raciais, incluindo debate sobre representatividade e identidade negra, racismo, antirracismo e movimento negro nas redes, visando olhar para o conteúdo dos materiais a partir do objetivo da pesquisa. Diante da seleção dos materiais, formulamos hipótese sobre as mídias sociais enquanto espaços de diálogo intercultural e ambientes de aprendizagens que podem ser

---

<sup>7</sup> Republicação de um tweet em seu próprio perfil.

promissores na luta antirracista. Assim, iniciamos um processo de compreensão e organização das ideias principais do corpus da pesquisa a partir da definição de indicadores.

A segunda fase – exploração do material – consistiu em recorte do conteúdo por meio de recursos como *prints* e escolha de categorias para classificar e agregar os materiais. Dessa forma, foram definidas unidades de registro para análise apoiando-se na classificação semântica (temas) e lexical (sentido do conteúdo em um universo comum). Assim, os materiais foram organizados em pastas no computador e categorizados tendo como eixo essas unidades de registros, definidas por *hashtags* e por temas principais, representadas no quadro a seguir.

**Quadro 1:** Unidades de Registro

HASHTAGS	TEMAS
1. #BlackLivesMatter	1. Movimento negro nas redes
2. #BlackOutTuesday	2. Identidade e representatividade negra
3. #BlackIsKing	3. Racismo
4. #WakandaForever	4. Antirracismo
	5. Ensino e aprendizagem nas redes
	6. Críticas às estruturas das redes
	7. Reações positivas e negativas
	8. Críticas ao funcionamento do debate nas redes no geral
	9. Visibilidade negra nas redes

Essas unidades de registro foram definidas tanto a priori quanto a posteriori, isto é, após a coleta de dados e sistematização dos elementos (BARDIN, 2011). Vale ressaltar que outros elementos foram encontrados nos materiais selecionados, entretanto, não foram incluídos enquanto unidades de registro por não serem comuns a todos os influenciadores, mas, de certa forma, enriqueceram o debate e as análises da temática no ciberespaço.

Finalmente, a terceira fase de análise de conteúdo consistiu no tratamento e interpretação dos resultados a partir da realização de inferências em busca do sentido do conteúdo presente de maneira indireta, isto é, uma análise para além do material propriamente apreendido (CÂMARA, 2013). Essa discussão se faz presente na seção seguinte, que traz uma sistematização do percurso de pesquisa de campo advindos de registros do diário de campo.

### 3. DO ASSASSINATO DE GEORGE FLOYD À #WAKANDAFOR EVER

#### 3.1 I CAN'T BREATHE: RACISMO, VIOLENCIA POLÍCIAL E INDIGNAÇÃO

25 de maio de 2020. George Floyd, um homem negro de 46 anos, é assassinado em Minneapolis, Estados Unidos, por um policial branco que o manteve imobilizado no chão com o joelho em seu pescoço enquanto a vítima dizia, repetidas vezes: “I can’t breathe.” A tragédia causou revoltas nos EUA e se espalhou rapidamente por todo o mundo.

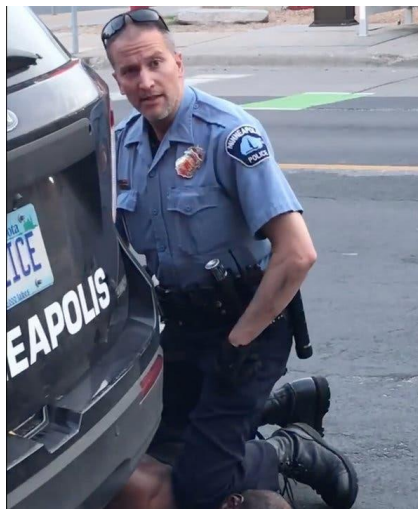


Figura 1 - Um vídeo mostrou o oficial Derek Chauvin com o joelho sobre o pescoço de George Floyd. Fonte: New York Times <https://www.nytimes.com/article/george-floyd-protests-timeline.html>

Nas redes sociais, a tag *#BlackLivesMatter*, movimento já utilizado por ativistas negros nas redes desde 2013, reapareceu como forma de protesto, sobretudo no dia 28 de maio daquele ano. Acompanhei a ascendência da tag no twitter utilizando as ferramentas que a plataforma oferece por meio de *tweets*, *retweets* e *likes*. O sentimento era de revolta, desesperança, espanto, angústia e desespero, ao mesmo tempo em que era grande a sede por justiça.



Figura 2 - Influencer 4 e 3, respectivamente, manifestando-se acerca do #BlackLivesMatter no twitter

Lembro-me de como veio à tona a raiva pelo fato de termos, na época, um genocida e racista na presidência brasileira. Questionei-me, mais uma vez, sobre como suas diversas declarações racistas, machistas e homofóbicas foram ignoradas na escolha de quem depositou o voto em Jair Bolsonaro. Por isso, via inicialmente como hipocrisia tamanha mobilização nas redes, principalmente por pessoas que compactuaram com a eleição.

O clima nas redes ficou pesado durante uns dias. Eu vivenciei esse período intensamente. Ao mesmo tempo, esse evento trágico provocou um caloroso debate sobre racismo e relações étnico-raciais no Brasil, sobretudo no ciberespaço. Nesse momento, foi difícil não ver tanta gente se posicionando sobre o assunto, inclusive pessoas que, geralmente, não costumavam dar atenção à temática – o que percebi em alguns dos meus próprios familiares e amigos. A partir disso, os dias que se sucederam foram marcados por uma série de acontecimentos envolvendo a questão.

Mesmo em meio a pandemia, manifestações foram convocadas por algumas regiões do Brasil e os gritos eram contra o racismo e o fascismo. Em um vídeo postado nas redes, o rapper Emicida falava sobre entender o sentimento de revolta, mas que era importante utilizarmos da razão num momento tão delicado de pandemia. Essa mensagem viralizou nas redes de tal forma que muitas pessoas mudaram de ideia quanto ir aos atos, levando em consideração os riscos de aglomeração naquele momento, ainda que urgente a problemática.



Figura 3 - Influencer 2 e 1, respectivamente, compartilhando suas participações nos atos de junho de 2020

No dia 02 de junho de 2020, a movimentação nas redes foi em torno do *#Blackouttuesday*, ação iniciada pela indústria musical, momento em que as pessoas protestavam contra o racismo e a violência policial postando apenas uma tela preta em suas redes durante o dia inteiro com o objetivo de criar um “apagão” e, assim, dar mais espaço para que os conteúdos relacionados tivessem mais visibilidade, encorajando as pessoas a usarem o seu tempo para apoiar essas iniciativas e acompanharem as discussões a fim de se obter uma maior conscientização e informação acerca da temática.

Nos meses de junho e julho daquele ano, houve um aumento significativo no número de seguidores de influenciadores negros e influenciadoras negras. A infraestrutura das redes também intensificou a quantidade de contas “verificadas” – contas de interesse público consideradas autênticas<sup>8</sup>. Pessoas brancas, famosas, cederam suas contas para que ativistas e pensadores negros pudessem fazer daquele espaço um ambiente de debate, conscientização e aprendizagem sobre as questões raciais, ampliando os alcances desse conteúdo para um número maior de pessoas. As buscas pelo termo “racismo” cresceram mais de 400%, como demonstra uma pesquisa realizada pela VIU HUB no ano de 2020 sobre a *#BlackLivesMatter* em números, constatando o impacto no twitter e instagram do movimento mundial contra o racismo.

<sup>8</sup> Essa caracterização de contas verificadas tem sofrido mudanças no Twitter desde sua compra pelo bilionário Elon Musk, no final de outubro de 2022. O novo proprietário havia anunciado a necessidade de pagamento de uma “taxa” para que qualquer usuário tivesse sua conta autenticada. Entretanto, o início do processo gerou uma série de falsificações de identidade na rede, o que obrigou o bilionário a adiar o plano de verificação paga.



No dia 06 de junho de 2020, surgiu uma tag sobre *#racismonainfância* onde pessoas compartilhavam suas dolorosas experiências causadas pelo racismo. Houve também o movimento de expor fraude nas cotas para ingresso nas universidades – movimento esse que realmente pressionou as instituições em busca de resultados, como a expulsão de alunos fraudadores do sistema. Sempre que pessoas pretas fossem chamadas para participar de programas de televisão, como o jurista Silvio Almeida, no Roda Viva, ou quando ocorria a transmissão de uma *live* importante, internautas se juntavam na para debater aquele momento. Era muito interessante acompanhar todas essas movimentações.



Figura 4 - Indivíduos nas redes em interação por meio de tweets do Influencer 1 acerca de participações no programa “Roda Viva”

Já *#BlackisKing* foi uma tag comentada nas redes no final de julho e início de agosto de 2020, após a estreia do filme de Beyoncé (31.07.2020) que trata sobre a cultura negra e ancestralidade, momento em que os espaços na internet foram tomados por pessoas pretas orgulhosas de suas origens e emocionadas pela representatividade que o material significou. Posteriormente, *#WakandaForever* foi comentada após a morte de Chadwick Boseman, o Pantera Negra, acontecimento que movimentou o mundo virtual e a comunidade negra pelo significado que o ator e o filme deram para as suas vidas em termos de identidade e representatividade. As redes foram tomadas por muita emoção nestes momentos.

Eu participei do movimento de seguir influenciadores negros antes mesmo de decidir fazer disso uma pesquisa. Posteriormente, delimito o acompanhamento de quatro personalidades para embasar a etnografia digital. Meu pensamento era o de que não podia deixar passar essa oportunidade por considerar o momento importante para a luta antirracista. Apesar do medo e receio, ainda no início, de que fosse algo momentâneo e passageiro, havia o sentimento de esperança por uma mudança. Um vídeo muito espalhado pelas redes continha a filha de George Floyd e seus dizeres sobre “papai mudou o mundo”<sup>9</sup>.

Durante o período em que estive envolvida sob um olhar de pesquisa, inevitavelmente fui afetada com intensidade. As emoções não foram apenas observadas, foram também vividas. Depois de certo tempo, o sentimento era também de exaustão pela vasta quantidade de informações acessadas e insegurança quanto ao que fazer com os materiais coletados.

Durante os últimos meses daquele ano, foram muitos acontecimentos envolvendo a temática. E é muito interessante como, ao voltar aos dados recolhidos, a sensação que eu tenho é de ser levada de volta aquele “momento” onde o debate estava ainda muito caloroso.

Muitas *lives* foram produzidas para discussões sobre o assunto. Muito conteúdo foi produzido e disseminado nas redes por meio de curtidas, comentários e *retweets*. E, em meio a tudo isso, percebi nas redes um grande potencial como uma ferramenta pedagógica antirracista, onde as pessoas se interessaram pela busca de aprendizagens por meio destes espaços e com a mediação de influenciadores digitais. Ao mesmo tempo, também observei características específicas das próprias redes enquanto estrutura e do próprio movimento de ativismo online que também podem interferir negativamente para a construção de uma concepção consistente de educação nesses espaços.

---

<sup>9</sup> <https://didyouknowfacts.com/george-floyds-daughter-paid-touching-tribute-to-her-dad-saying-he-changed-the-world/>

### 3.2 PANTERA NEGRA: PLURALIDADE, POSICIONAMENTO, REPRESENTATIVIDADE.

Na análise de conteúdo e o tratamento dos materiais coletados (BARDIN, 2011), foi possível observar, de antemão, que os influenciadores acompanhados não seguiram uma mesma linha de raciocínio durante vários momentos, evidenciando a pluralidade do movimento negro na internet e ressaltando a importância de extinguir a ideia de que “preto é tudo igual”, uma das concepções racistas herdadas pelos colonialismos que reduz as culturas e identidades negras a uma “coisa única” e ignora a diversidade existente.

Os influenciadores fizeram declarações acerca desse aspecto, evidenciando como ele se manifesta nas redes sociais. Sobre isso, o Influencer 1 se posicionou:

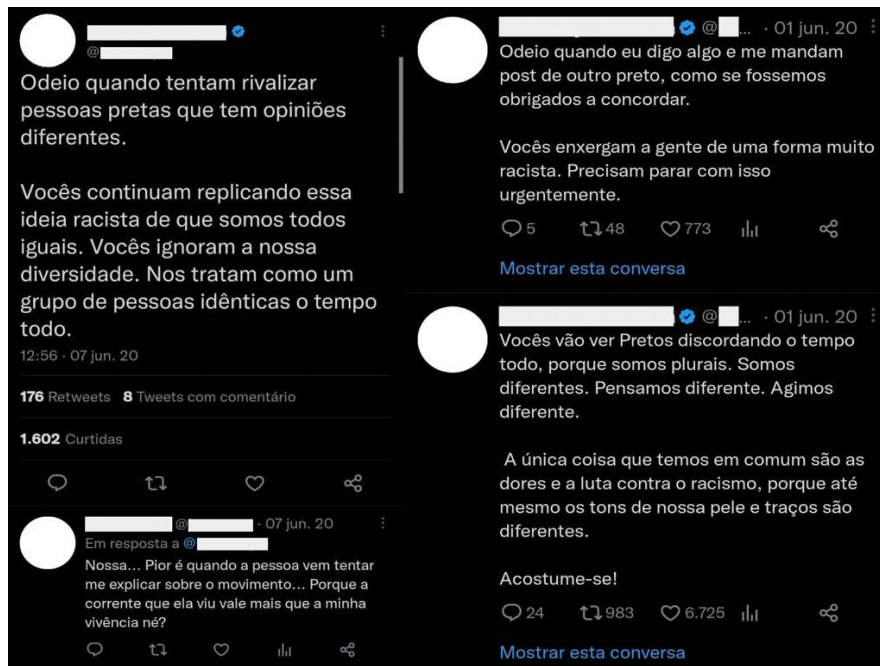


Figura 5 - Influencer 1 denunciando a visão racista de unicidade de pessoas pretas

Houve interação entre Influencer 1 e Influencer 2 acerca dessa temática, em que esse último denunciou um novo aspecto ocorrido nas redes - a cobrança por parte dos usuários de um posicionamento de pessoas pretas sobre assassinatos de jovens negros desconsiderando os efeitos psicológicos que sobressaem sobre esses indivíduos.

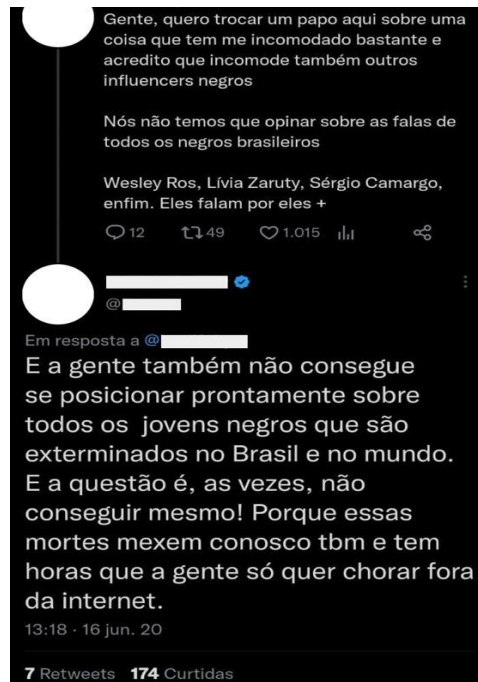


Figura 6 - Influencer 1 e 2 interagindo sobre o aspecto de cobrança de uma “única voz negra” nas redes

Observa-se que uma das características do movimento negro na internet é a denúncia de racismos ocorridos tanto no ciberespaço – no mundo online – quanto no mundo offline. A partir disso, gera-se um debate nas redes sociais em que tanto pessoas pretas manifestam sua identificação com as situações relatadas e compartilham outras, quanto pessoas brancas reagem de maneira positiva (tomando os relatos como passíveis de aprendizagens para a diminuição de práticas racistas) ou negativa – classificando os relatos como “exagerados” ou “frescura”, assumindo uma postura de detentor do que é ou não é racismo, silenciando e desconsiderando as vozes de quem realmente se manifesta a partir de um local de fala.

Foi possível observar esse padrão de movimentações durante todo o período acompanhado, demonstrando seu caráter recorrente. Sobre isso, separamos alguns relatos específicos durante o debate em torno de questionamentos levantados pelo Influencer 1 abrangendo a temática.

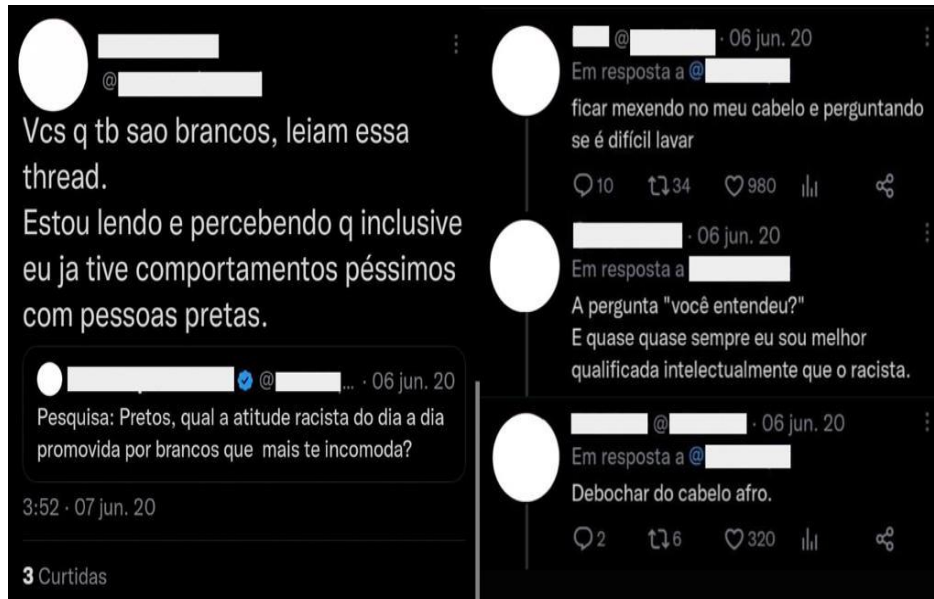


Figura 7 - Influencer 1 possibilitando momento de diálogo com pessoas pretas e pessoas brancas sobre racismo

Entretanto, a atuação de pessoas pretas na internet nem sempre perpassa essencialmente tais denúncias. Exemplo disso é a Influencer 3 que se posiciona em um espaço de preferência pela esquivar de tais debates por não se sentir confortável em falar sobre e por considerar que existem outras pessoas na internet atuando especificamente em uma discussão mais aprofundada sobre racismo, embasada em teorias críticas, ao passo em que a Influencer em questão aciona outros debates, como o de identidade e representativa negra nas redes.

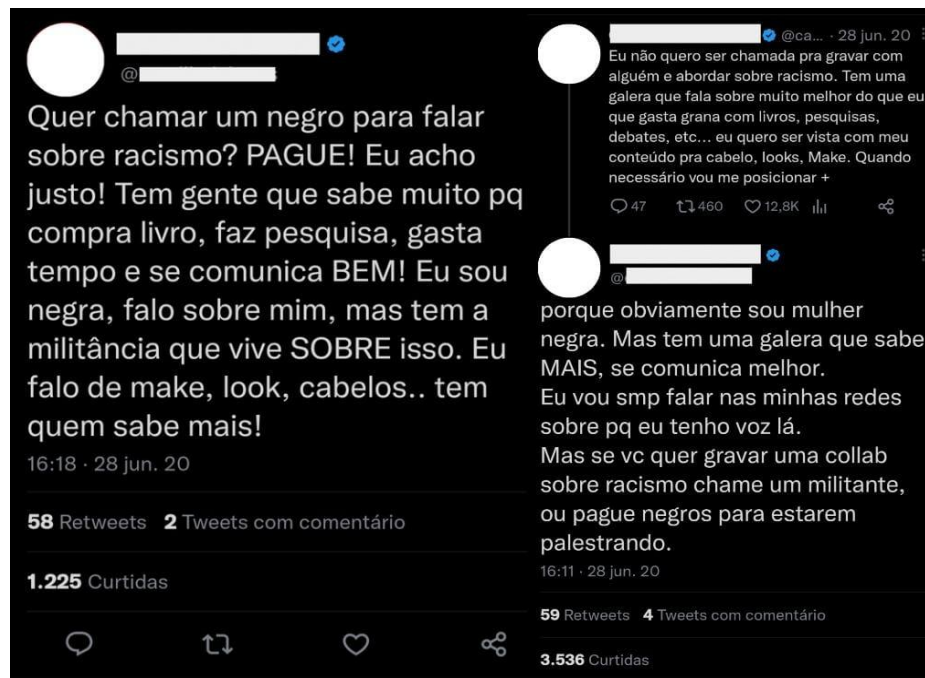


Figura 8 - Influencer 3 reforçando seus conteúdos nas redes em contraponto à temática específica de racismo

Esse acionamento de debate sobre identidade e representatividade negra ocorre tanto de maneira direta quanto de maneira indireta pelo próprio caráter subjetivo do trabalho da Influencer 3. Assim, ocorrem movimentos de identificação e valorização da estética negra através das exposições de imagem e conteúdo de moda criados pelo indivíduo em questão – por ser, em sua área, uma das poucas blogueiras pretas com grande visibilidade. Desenvolve-se, então, debates sobre outras formas de beleza – a beleza negra – fora do padrão eurocêntrico branco, com discursos sobre aceitação e valorização de aspectos físicos característicos de mulheres pretas, sobretudo cabelo e boca. A partir disso, parece ocorrer o fortalecimento de uma concepção de negritude e empoderamento de mulheres negras na internet tendo como mediador a Influencer 3.

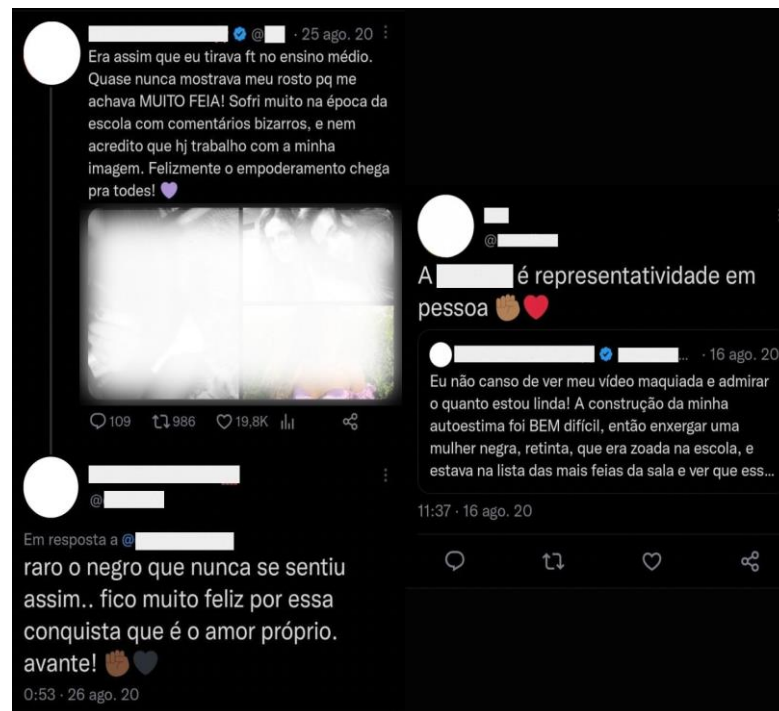


Figura 9 - Influencer 3 e interações de indivíduos nas redes sobre identidade e representatividade negra

Assim também é desenvolvido o debate nas redes dos outros influenciadores acerca da temática, tanto de forma direta, proporcionando uma discussão, quanto por meio de indicações de pessoas que trabalham com o tema nas redes sociais, demonstrando um reconhecimento da importância de ocupar esses espaços com o debate sobre negritude.

A discussão também se fez presente na tag *#BlackIsKing*, na qual os influenciadores se dividiram entre olhar pela perspectiva de um trabalho que envolve ancestralidade, representatividade e identidade negra de maneira positiva e entre indiretamente expressar

desagrado por meio da reivindicação de posicionamento de outras autoras; além da Influencer 2 que propôs um debate mais profundo abrangendo as duas visões.



Figura 10 - Influencer 1, 3 (e resposta de seguidor) e 4 sobre a #blackisking



Figura 11 - Influencer 2 possibilitando debate em plataforma Instagram sobre a #blackisking

Ao contrário das anteriores, a tag sobre *#WakandaForever* não gerou divergências de debate. As mesmas temáticas foram resgatadas de maneira sempre positiva não só pelos influenciadores, mas por seus seguidores nas redes sociais.



Figura 12 - Influencer 4, 3, 2 e 1 respectivamente, e respostas de seus seguidores sobre a *#WakandaForever*

Analisando as movimentações ocorridas durante aquele período, observei então a ocupação das redes sociais enquanto ambientes de partilha entre pessoas pretas, o que parece gerar um sentimento de pertencimento e acolhimento. Essa união é positiva para a construção de espaços que parecem seguros para esses sujeitos no sentido de encontrar apoio tanto para existência quanto para resistência sob a ótica do conhecimento como ferramenta de empoderamento de pessoas pretas.





Figura 13 - Interações de indivíduos nas redes com Influencer 1 sobre empoderamento negro a partir do conhecimento

Ao mesmo tempo, essa perspectiva de conhecimento gerado por meio das e nas redes sociais alcança pessoas brancas sob uma ótica diferente – a ótica da construção de consciência e práticas antirracistas. Esse processo também ocorre de maneira diversa entre os influenciadores. Enquanto para alguns acontece de maneira indireta – ou seja, mesmo sem intenção de proporcionar um ambiente de aprendizagem, ela ocorre como consequência dos debates gerados – e de maneira direta, isto é, intencionalmente. Essa última ocorre com apoio de conteúdos criados pelos próprios influenciadores visando a construção de um espaço de ensino e aprendizagem acerca de questões interculturais e das relações étnico-raciais, possibilitando então a construção de movimentos educativos e práticas pedagógicas antirracistas nas redes sociais.

Mais uma vez, é possível observar um movimento de diálogo ocorrido nas redes tendo como ponto de partida as manifestações dos influenciadores acompanhados que parecem se expressar enquanto mediadores de um processo de ensino-aprendizagem nas redes.



Figura 14 - Influencer 3 introduz a ideia de "aprendizagem" nas redes a partir de um temática sobre estética negra



Figura 15 - Seguidores da Influencer 2 reagindo a sua postagem sobre onda de indicação de pessoas negras nas redes e demonstrando ideia de "aprendizagem" em ambientes online

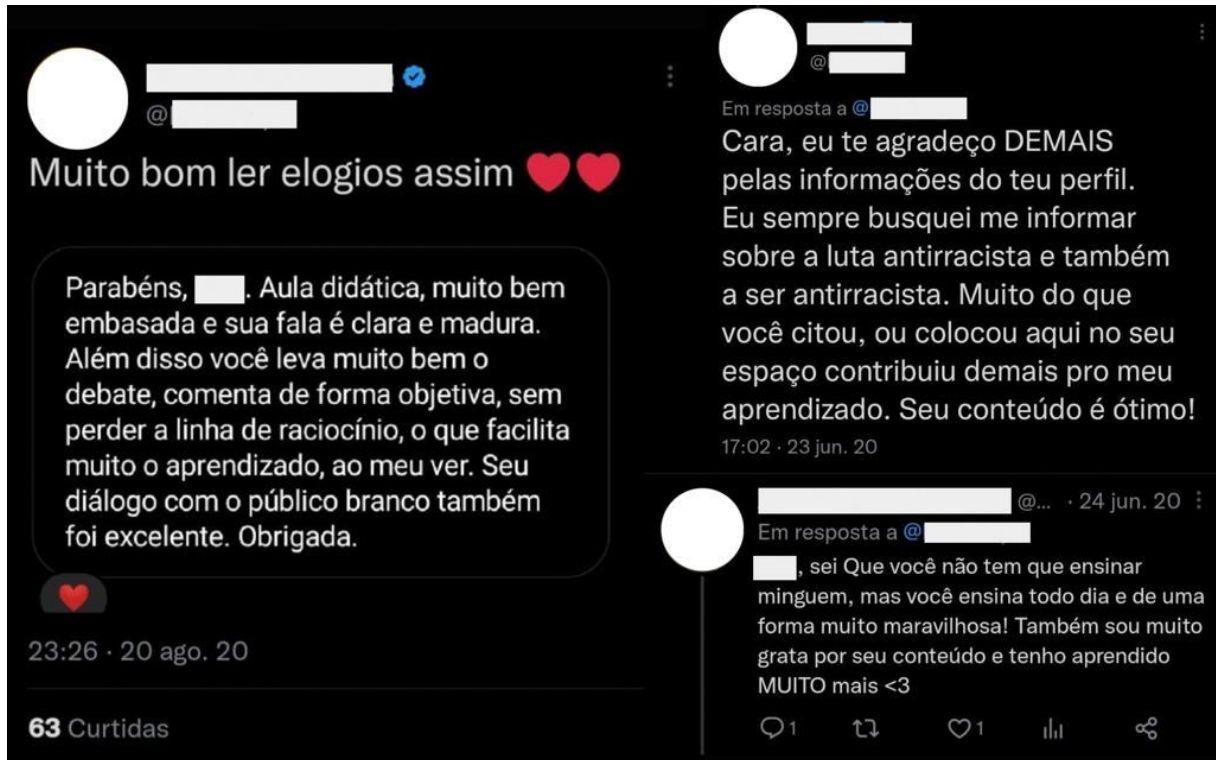


Figura 16 - Indivíduos comentando possibilidade de aprendizagem nas redes a partir de postagens do Influencer 1

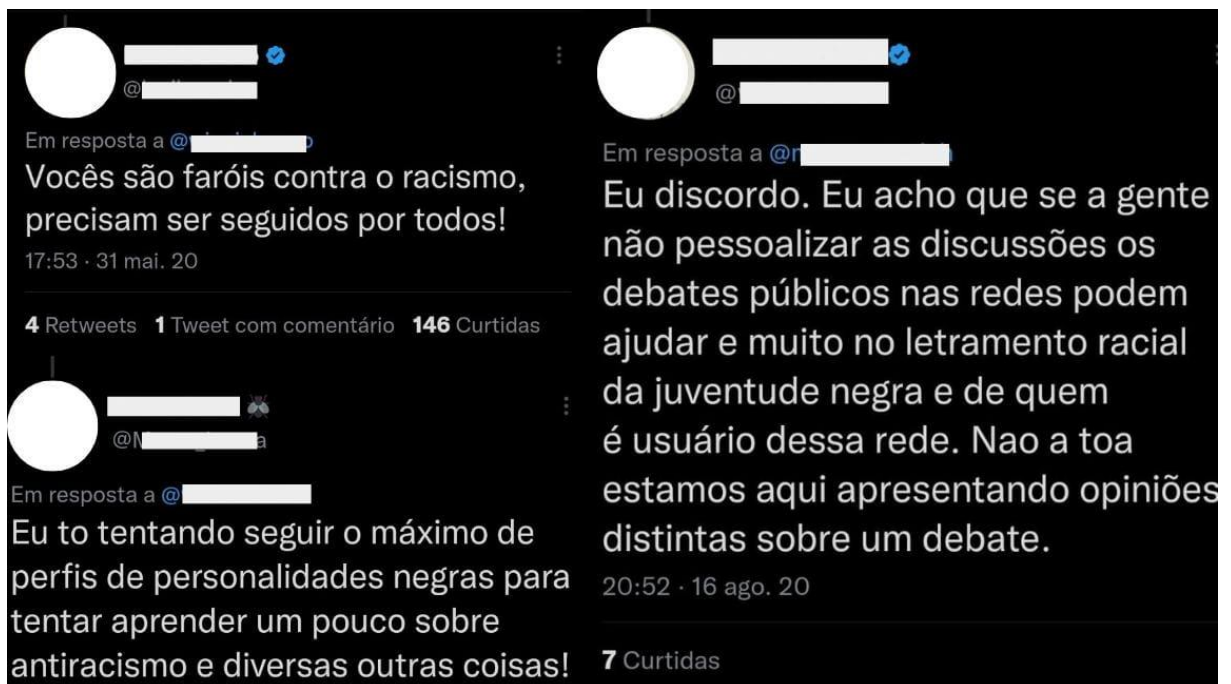


Figura 17 - Influencer 4 comentando sobre o potencial das redes para letramento da juventude negra e outros usuários das plataformas (à direita) e indivíduos reagindo a seus posts introduzindo a ideia de “aprendizagem” em ambiente online (à esquerda)

Ao mesmo tempo, um ponto forte e comum aos influenciadores é apresentado nas críticas que tecem de maneira geral sobre esses movimentos ocorridos nas redes sociais e as críticas às próprias estruturas das redes. Exemplo disso foi o debate gerado em torno da *#BlackOutTuesday* que gerou controvérsias nas redes alcançadas pelos quatro influenciadores acompanhados e seus seguidores. Enquanto as Influencers 3 e 4 teceram fortes críticas ao movimento, o Influencer 1 fez um comentário pertinente sobre a realidade de pessoas pretas frente à situação e a Influencer 2 ressignificou o movimento e utilizou uma tela preta para se posicionar de maneira direta com registros escritos.

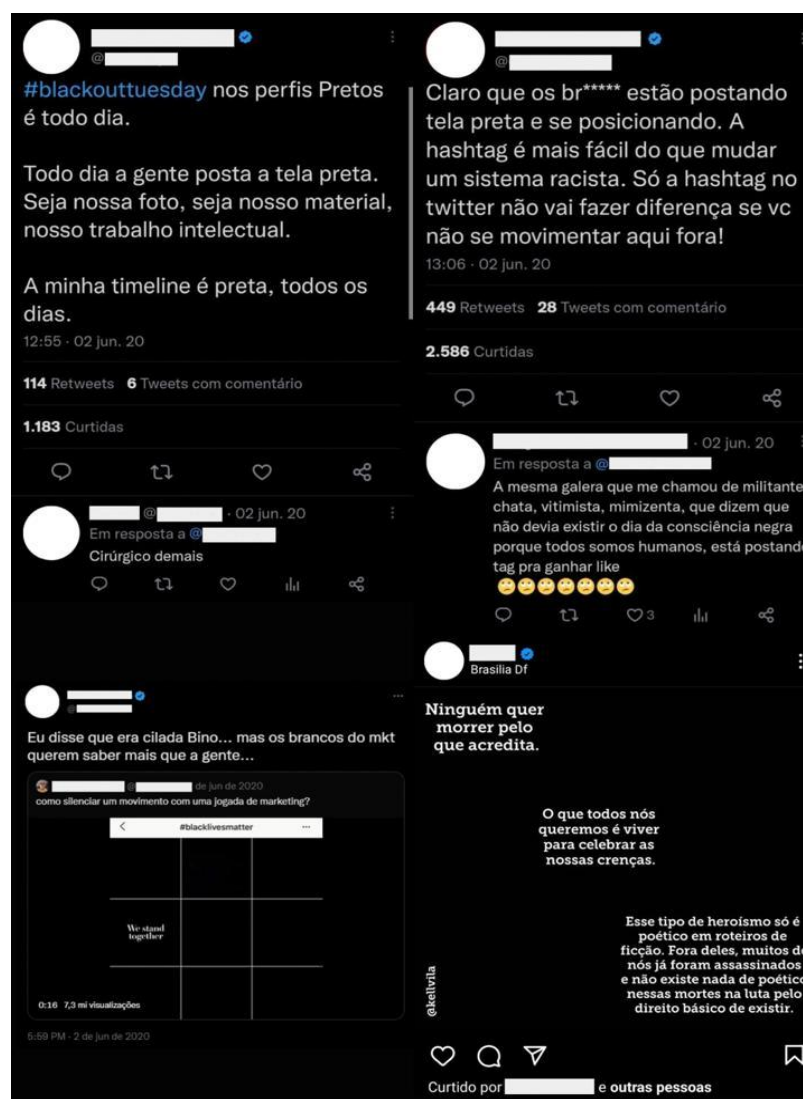


Figura 18 - Influencer 1, 3, 4 e 2, respectivamente, tecendo críticas ao movimento do *#blackouttuesday*

Dentre outras críticas, uma fortemente debatida pelos influenciadores é o caráter supérfluo e vicioso das redes frente a assuntos específicos – ou seja, têm-se uma série de temáticas que são debatidas constantemente nas redes sociais e que não são aprofundadas da

forma como deveriam por limitações características das redes como a efemeridade e superficialidade de discussões, o que pode interferir negativamente para uma concepção de educação significativa e consistente. Isso também demonstra a necessidade dos indivíduos nas redes desenvolverem autonomia enquanto protagonistas de seus processos de aprendizagem.

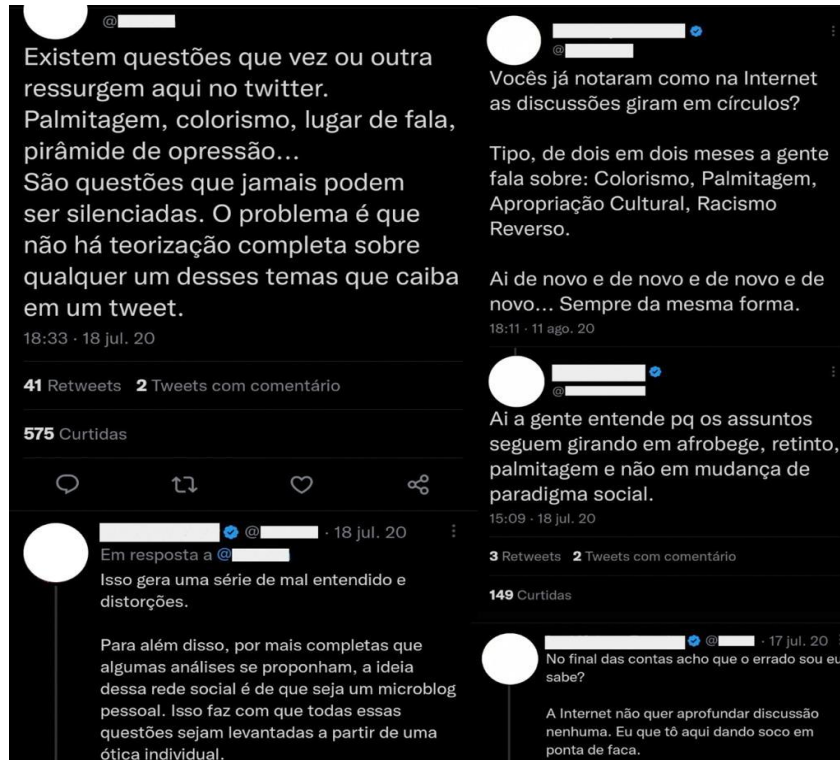


Figura 19 - Influencer 2, 1, 4 e 1, respectivamente, sobre o ciclo de debates nas redes e o caráter supérfluo da Internet

Uma última questão diz respeito às críticas às redes enquanto estrutura. Discute-se entre os influenciadores a ideia de posicionamentos de pessoas brancas que visam mais “viralizar” nas redes em busca de “status” por meio de likes, compartilhamentos e outros elementos de aprovação – ou seja, tem-se a ideia de que “as pessoas mais querem aparentar estar fazendo algo do que realmente querem fazer algo de fato”, como comentado pela Influencer 4 e compartilhado pela visão dos outros indivíduos acompanhados.

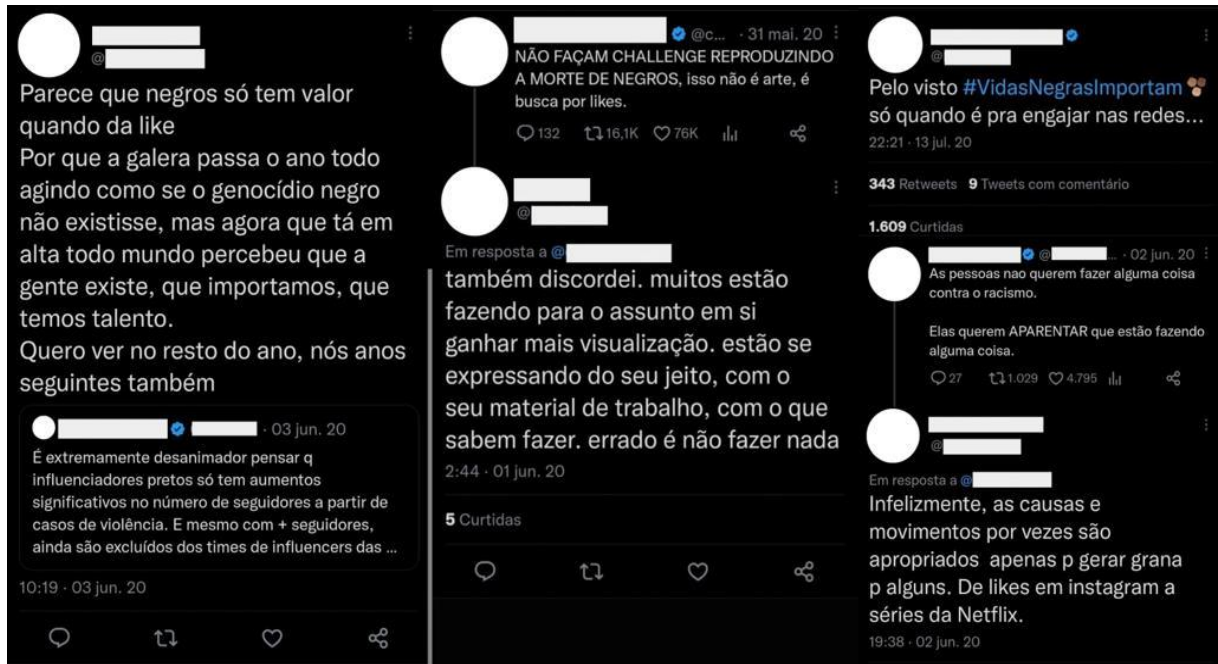


Figura 20 - Influencer 2, 3, 1 e 4, respectivamente, sobre a utilização da temática negra na Internet e a busca por “likes”

Nesse sentido, geraram-se discussões sobre a escolha de poucas pessoas pretas verificadas nas plataformas, o fato de ganharem visibilidade e seguidores apenas por meio de casos de violência, a ausência de mecanismos verdadeiramente eficazes para denúncias de contas racistas, a mercantilização e capitalização da temática do racismo nas redes sociais possibilitadas pela própria estrutura visando monetização e lucro.



Figura 21 - Influencer 3, 4, 2 e 1, respectivamente, tecendo críticas às estruturas das plataformas

Estes são os aspectos que surgiram da análise das dinâmicas das redes no intervalo entre o episódio do assassinato de George Floyd em 25 de maio de 2020 e o falecimento do ator Chadwick Boseman em 28 de agosto daquele ano. Recentemente, a tragédia ocorrida com Floyd voltou a movimentar as redes sociais no Brasil. No dia 4 de dezembro de 2022, durante o programa “Domingão com Huck” da rede Globo de televisão no quadro “Quem quer ser um milionário” – um quadro de perguntas e respostas em que a pessoa testa seus conhecimentos sobre os mais variados assuntos -, surgiu uma pergunta sobre quais as últimas palavras de George Floyd no dia em que foi assassinado, valendo 5 mil reais.



Figura 22 - Em um programa da Rede Globo com alta audiência, a trágica situação de George Floyd foi utilizada em um contexto de entretenimento. Fonte: <https://atarde.com.br/cultura/culturatelevisao/luciano-huck-se-desculpa-por-pergunta-sobre-george>

Na ocasião, imediatamente internautas começaram a expressar sua indignação via redes sociais. Muitas figuras criticaram a falta de sensibilidade do apresentador e sua equipe ao trazer um episódio de dor, traumático, principalmente para a comunidade negra, em um contexto de entretenimento. Em especial, um professor, jornalista e advogado, destaque nos debates sobre direitos, discriminação, diversidade e inclusão, fez um tweet mencionando diretamente o apresentador, chamando sua atenção para o caráter inaceitável da situação e o convidando para um debate. Luciano, por sua vez, escreveu em sua página do twitter:

*“Você tem toda razão sobre a pergunta formulada. Estou cada vez mais consciente do quanto devo evoluir no letramento antirracista além da intenção. Não tenho acesso prévio às perguntas e, desta vez, não tive a presença de espírito para reagir de imediato. Errei. Peço desculpas. E vamos conversar”.*

No programa seguinte, ao vivo, o apresentador se desculpou em nome de toda a equipe pela pergunta “*inadequada*” que “*banalizava a violência sofrida por George Floyd*”. Reforçou o seu erro pela ausência de reação e completou dizendo que “*o nosso letramento antirracista é uma construção constante*” e que “*além das desculpas, fica aqui o aprendizado*”. O vídeo foi postado em suas redes sociais, tendo um alcance de mais de 300.000 visualizações só no twitter.

Enquanto alguns internautas criticaram o apresentador por ceder a uma discussão que consideravam “*frescura*”, outros parabenizaram a atitude. Outros, ainda, seguiram questionando a possibilidade de uma pessoa da elite, com tanto acesso à informação, perceber a pauta racial discutida diariamente e ainda criar ou não se opor a situações como a ocorrida, escondendo-se sob um argumento característico da branquitude de “*aprendizado*”.<sup>10</sup>

A movimentação frente às pautas antirracistas segue a todo vapor nas mídias digitais, ora aparecendo através do “*ciclo de assuntos*” sobre os quais os influenciadores aqui apresentados já se manifestaram contra, ora aparecendo diante de situações de cunho racista ocorrida via online e offline e, ainda, ora aparecendo diante da continuidade de trabalhos de caráter educativo para as relações étnico-raciais.

---

<sup>10</sup> Estou ciente que há uma frente de discussões no campo das relações étnico-raciais sobre a “*branquitude*”, que poderia ser colocada em diálogo com o fenômeno estudado. Esse exercício poderá ser feito em uma próxima oportunidade.



#### 4. CIBERCULTURA, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAS E AS REDES SOCIAIS

Lemos (2009) discorre sobre a cultura contemporânea como reflexo de uma sociedade de informação regida por três princípios fundamentais, baseados na ideia de produzir, conectar e transformar, que acabam por produzir o que podemos compreender como cibercultura em termos de um território informacional recombinante. Segundo o autor, as tecnologias possibilitam processos de compartilhamento de uma variedade de elementos da cultura. Há três princípios que norteiam esse processo: a liberação do polo da emissão, o princípio de conexão em rede e a consequente reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recombinatórias (LEMOS, 2009).

O primeiro refere-se à noção de emitir e produzir, pois abertas as possibilidades pelo mundo digital, cada um pode ser produtor e emissor de conteúdo, de variadas formas, demonstra o autor. Segundo ele, essa recombinação de elementos emitidos traz um compartilhamento de informações, que leva ao segundo princípio: o da conexão. A relação entre produção e consumo começa a aparecer no meio digital, sendo a produção a emissão de conteúdo e o consumo a conexão (LEMOS, 2009). Por sua vez, essa relação produzir-conectar causa transformações, que é o tópico do terceiro princípio da cibercultura de acordo com o pesquisador.

Com as tecnologias móveis e os territórios informacionais, essa potência da emissão, da conexão e da reconfiguração aumenta ainda mais as práticas de colaboração e recombinação, aliando de forma mais forte comunicação, comunidade, sociabilidade e mobilidade. (LEMOS, 2009, p.45)

Estes princípios norteadores do processo de compartilhamento na rede implicam também uma reflexão sobre os modos de conhecer e educar no meio digital, visto que os desafios da educação no contexto contemporâneo necessariamente abrangem a interface entre educação, tecnologia e comunicação. Assim, tem-se a possibilidade da internet como mediadora de processos de aprendizagens em um contexto de repensar espaços não formais de educação.

Nesse sentido, ampliar as possibilidades de trocas, compartilhamentos, processos comunicativos e aprendizagens no e pelo meio digital parece promissor no que tange à reflexão sobre interculturalidade e questões étnico-raciais nas redes e suas implicações para uma educação intercultural e antirracista.

Graças às quatro qualidades potenciais do contexto digital (BOYD, 2011): persistência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade; a velocidade e a capacidade de visibilidade de discursos nas redes se dá em grande escala. Entre eles, ao mesmo tempo em que há uma grande

propagação de discursos de ódio baseado em racismo e preconceito, têm-se uma grande propagação de discursos educativos quanto a questão das relações étnico-raciais.

Além disso, sendo a rede “uma produção social processual e dinâmica, na qual emergem agências, subjetividades, novas formações sociais” (FREITAS; GOMES, 2015), pensar sobre a cibercultura e como ela se associa ao sujeito que acessa esse espaço é também refletir sobre novas dinâmicas de construção e vivência de identidades no ciberespaço. Graças a sua capacidade de subjetivação e às possibilidades que a rede oferece para a comunicação de variadas formas, pensar em representatividade e ativismo online é de suma importância para o entendimento de uma educação das relações étnico-raciais, sobretudo no campo do digital, uma vez que implica também pensar em quem está tendo acesso a esse mundo do ciberespaço, como estão tendo acesso, ao quê estão tendo acesso e quais as suas implicações.

Garcêz (2013) discute as possibilidades de representação de grupos oprimidos e sem visibilidade na esfera pública por meio das redes sociais. Essa autora chama de representação não-eleitoral, em termos de discurso e não de pessoas, quando sujeitos/grupos falam e agem em nome de um grupo minoritário (entende-se aqui minoria não por um número pequeno de pessoas, mas como grupos invisibilizados e oprimidos na sociedade) reivindicando direitos e espaço, embasando sua luta por reconhecimento na percepção do sofrimento como um dano moral que tem a capacidade de afetar a constituição das identidades dos sujeitos, como sugere a autora. Considera-se as ações de movimentos sociais, como o movimento negro e ativistas pela causa negra, um tipo de representação não-eleitoral, “relevante para dar voz a perspectivas marginalizadas e contribuir para a expressão pública da opressão” (GARCÊZ, 2013, p.311)

À medida que os sujeitos passam a articular suas experiências como um problema de um grupo inteiro, por meio de uma semântica compartilhada entre aqueles que vivenciam experiências semelhantes, desenvolvem sua autonomia pessoal e política (Honneth, 2003). Esse elo suficientemente forte para estabelecer uma identidade coletiva, traz possibilidade de engajamento cívico dos próprios concernidos em direção às suas lutas por reconhecimento. A estrutura dessas lutas, com motivações a princípio individuais, traz força e legitimidade para a ação. (GARCÊZ, 2013, p.317)

Nesse sentido, considerando todo o calor das situações no meses de maio a agosto de 2020, parece ter se encontrado nos influenciadores digitais uma legitimidade para representação dessas vozes, transformando a internet em um espaço que oportuniza a luta e possibilita a participação de simpatizantes da causa negra, resultando em uma grande mobilização, ao mesmo tempo em que encontram-se nessas pessoas a possibilidade de serem mediadoras de um processo de ensino-aprendizagem no ambiente virtual.

Ao ocupar o espaço da internet, o ativismo negro garante uma visibilidade ao debate com uma rapidez de disseminação, principalmente por meio das ferramentas das plataformas

digitais como curtidas, comentários e retweets. Na medida em que alcançam um grande número de pessoas, nos fazem refletir sobre a legitimidade dos saberes produzidos e distribuídos no ciberespaço, seja por meio da produção de conteúdos sobre racismo e cultura negra como faz o Influencer 1, seja através da discussão da temática ao olhar de uma professora negra como a Influencer 2, pela produção de conteúdo sobre estética e humor que oferece a Influencer 3, sendo uma blogueira preta e tendo em vista que são poucas as que têm visibilidade e como sua imagem é representativa, ou ainda, seja pela Influencer 4, como intelectual negra e ativista que acredita no potencial de ensino que as redes sociais oferecem.

Entretanto, ainda que exista esse potencial positivo nas tecnologias digitais, a rapidez de disseminação na internet de questões importantes, como as relações étnico-raciais, que possibilitam um necessário debate, por outro lado também emergem os discursos de ódio, preconceito e intolerância baseados no senso comum, expressando nas redes essa dualidade que nos apresenta Fonseca et. Al (2017).

Isso reforça a importância do debate da interculturalidade nas redes, uma vez que é inevitável que as identidades culturais entrem em conflito quando confluem em um mesmo tempo e espaço (REIS DA SILVA; SOARES, 2021), sendo então os conflitos de identidade também inerentes à vida social no ciberespaço.

Assim, entendendo que os encontros culturais, por serem inerentes à vida em sociedade (REIS DA SILVA; SOARES, 2021), também ocorrem no ciberespaço, é possível pensar na lógica de um diálogo intercultural que perpassa a lógica das redes, valendo-se dos mesmos mecanismos de trocas, compartilhamentos, processos comunicativos e aprendizagens nas redes já aqui mencionados para atuar contra os processos de desconhecimento da cultura do outro - constituinte de barreira para um diálogo respeitoso entre os diferentes, como sugerem Reis da Silva e Soares (2021) – e, conseqüentemente, atuar contra os processos de preconceito e discriminação, promovendo oportunidades de construção de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as identidades e diversidades culturais no ambiente digital.

Esse parece ser um caminho promissor para a construção de uma educação para/das relações étnico-raciais nas redes, urgindo a necessidade de ocupar esses espaços para ampliar os horizontes da luta antirracista.

#### 4.1 UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DAS REDES COMO AMBIENTES DE APRENDIZAGEM

Apesar das potencialidades dessas plataformas, a efemeridade presente na organização dos discursos nas redes pode ser negativa em termos de aprendizagem por nunca criar uma constância e quase sempre restringir o debate em termos de conteúdo. Outro aspecto crítico é o caráter de onda do fenômeno que produz posicionamentos que no fundo mais objetivam lançar-se “à moda” em busca de aparência e “likes” do que visando uma conscientização de fato. Esse caráter efêmero e de onda ficou evidente ao revelar como, depois de alguns meses, a mobilização diminuiu significativamente nas redes naquele ano.

Essa característica resulta ainda em debates que são muitas vezes superficiais e simplificados, ao passo em que há sempre um ciclo de assuntos nunca superados sobre a temática, trabalhados de maneira restrita e breve, e uma gama de informações que são também por esse caráter limitadas, que mais atrapalham a mobilização e seus propósitos políticos e educacionais. Isso nos faz refletir, então, sobre os limites dessas plataformas e como essas questões não podem ser ignoradas ao pensar nestes espaços como espaços educativos.

Ademais, há particularidades nas plataformas das redes que devem ser levadas em consideração em pesquisas no ciberespaço, uma vez que este campo não é neutro e não funciona apenas como instrumento de mediação da comunicação; mais que isso, sua organização em termos de estrutura/sistema influencia diretamente as relações nas redes e a própria relação humano-máquina, criando “por meio de lógicas e códigos específicos – atualmente, algoritmos – outras tantas maneiras do sujeito se relacionar com e no mundo” (SILVA; VERSUTI; TELES, 2021, p.257).

Cesarino (2021) também destaca o avanço da plataformização enquanto elemento que faz as realidades digitais serem estruturadas pelo sistema algorítmico. Entende-se plataformas como “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”, ao passo em que plataformização seria

a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida. E, a partir da tradição dos estudos culturais, concebemos esse processo como a reorganização de práticas e imaginações culturais em torno de plataformas. (POELL; NIERBOG; DIJCK, 2020, p. 4-5)

Nesse sentido, denuncia-se o caráter capitalista e neoliberal das redes sociais, enquanto plataformas digitais, que seguem a lógica do lucro acima de qualquer coisa e que “legitimam-se pela ilusão de liberdade, de espontaneidade e de meritocracia” (CESARINO, 2021, p.89); lógica essa que as coloca em uma “arquitetura digital do neoliberalismo”, onde há propagação intensa de mediações digitais em todos os âmbitos da vida, “desde o ecossistema de mídia e a esfera pública, passando pela infraestrutura da financeirização do capital” até os aspectos mais íntimos dos indivíduos, no modo como “cada indivíduo cuida da saúde, escolhe um parceiro, elege representantes e constitui sua subjetividade” (CESARINO, 2021, p.78).

Isso faz urgir a necessidade de incluir o debate sobre insegurança de dados, monetização, controle e vigilância dos usuários, estímulo ao consumo, economia da atenção, dependência tecnológica, desinformação e a própria reprodução de padrões hegemônicos ocorrida nas redes.

Na lógica do capitalismo e neoliberalismo digital, o compartilhamento de dados passa a ser “a moeda de troca dessa relação de interdependência que rompe com a divisão entre o público e o privado, dando margem para mais controle social e manipulação de dados para fins econômicos” (PALETTA; LAGO, 2022, p.13). Os autores trazem o conceito de Colonialismo de Dados à luz de Couldry e Mejias (2019) para denominar este processo de apropriação da vida humana por meio de dados extraídos para o lucro e da utilização do sistema algorítmico para manipulação, desinformação e exploração com o objetivo de monetização.

Com as informações pessoais dos usuários disponíveis para empresas utilizarem com propósitos econômicos e as próprias plataformas oferecendo conteúdos às redes sociais, como o Twitter e o Instagram (NIEBORG; POELL, 2018 apud POELL; NIERBOG; DIJCK, 2020), o sistema algorítmico customiza as mídias sociais de acordo com as preferências dos usuários e, assim, os mecanismos audiovisuais envoltos em anúncios também transformam a lógica de consumo, sendo esse constantemente estimulado, processo que, por sua vez, coloca a atenção dos usuários como um bem precioso, transformando em um verdadeiro território de disputa por audiência, defendem Paletta e Lago (2022).

Ao mesmo tempo em que acredita-se que a internet é um meio para democratização das informações, ela também se transforma (e tem se transformado) em território de desinformação. A comunicação e a informação, como explicitam esses autores, são fontes essenciais de poder, dominação e mudança social, uma vez que “a batalha fundamental que ocorre na sociedade é a batalha sobre a mente das pessoas” (PALETTA; LAGO, 2022, p.16) e a lógica do neoliberalismo “propôs mais que uma nova agenda econômica (...), uma doutrina epistêmica” (CESARINO, 2021, p.87).

Assim, as estruturas das redes permitem uma grande capacidade de visibilidade de informações em alta velocidade ao mesmo tempo em que permitem também a propagação de desinformação desenfreada em larga escala, o que denuncia o perigoso potencial de dominação e manipulação das redes sociais, já que, como demonstrado por Paletta e Lago (2022), a intensa dependência dos indivíduos em relação aos dispositivos eletrônicos perpassa necessariamente a noção de que o mundo depende da informação.

Além disso, apoiando-se em Castells (2018), esses autores discutem a concentração de poder, riqueza, cultura e capacidade comunicativa que as redes possuem. Isso possibilitou, de acordo com os pesquisadores, com que as elites dominantes se articulassem através dessas redes, e dado que os sistemas culturais são influenciados pela lógica das redes, “a defesa do direito a ser se refugia em identidades irreduzíveis às lógicas dominantes” (PALETTA; LAGO, p.6), contribuindo para a reprodução de padrões hegemônicos também nesses territórios.

Tudo isso sugere um cuidado maior com o trabalho nas redes e com a própria vivência dos indivíduos, sendo necessária maior conscientização acerca desses mecanismos de manipulação por meio de uma alfabetização midiática que desenvolve “um sujeito crítico que lê, interpreta, edita e escreve a realidade” (SPINELLI; SANTOS, 2020, p.147).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado da experiência de iniciação científica vivenciada nos anos de 2019 e 2020, na Universidade de Brasília. Inicialmente imaginada para ser uma pesquisa de caráter etnográfico baseada na imersão em uma realidade escolar e em interações face a face com esse ambiente, a pesquisa precisou ser radicalmente alterada em virtude da COVID 19. Essa mudança colocou uma série de desafios conceituais e metodológicos, todavia, a opção pela etnografia digital também permitiu o desenvolvimento de uma outra forma de fazer pesquisa na interseção entre educação, comunicação e o papel das plataformas digitais, e lançar um olhar para o que diversos autores vem denominando como cibercultura (LEMOS, 2009; LÉVY, 1999; KENSKI, 2012).

Ao longo dessa pesquisa, notamos que o propósito inicial das redes sociais consiste em agregar pessoas conhecidas e não conhecidas em uma rede de conexões e interações sociais, podendo, entretanto, se transformar também em um importante e imprescindível espaço, nos dias de hoje, para debates relevantes de interesse público, especialmente no campo da educação. Observamos que as tecnologias digitais apresentam diversas possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que problematiza a legitimidade de conhecimentos produzidos e disseminados pelas redes e fora delas. Essas tecnologias possibilitam novas relações com o saber e promovem novas interrogações às práticas pedagógicas e aos espaços de educação. Com o advento da pandemia, a presença dessas tecnologias tornou-se uma ferramenta central e está trazendo modificações neste panorama que não desapareceram após a flexibilização das medidas de isolamento social.

Assim, o trabalho se alinha à concepção de Versuti e Lima (2018) da cultura digital enquanto cenário de oportunidades para o contexto educacional, uma vez que, segundo essas autoras, os sujeitos vivem em constante relação com as mídias e essa relação demonstra-se determinante para construção de conhecimento.

Essa pesquisa evidenciou que, nos movimentos sociais em rede, como afirma Scherer Warren (2006, apud COGO; MACHADO; 2010, p.3), “os atores coletivos constroem suas identidades, em um processo dialógico de identificações éticas e culturais, intercâmbios, negociações, resoluções de conflitos e de resistência aos mecanismos de exclusão sistêmica na globalização.” Por isso, acredita-se na possibilidade de construção de uma cultura ativista e intercultural nas redes sociais que colabore com a temática das relações étnico-raciais e se expresse como práticas pedagógicas antirracistas para se pensar numa educação que valorize e reconheça a pluralidade de identidades existentes.

Apesar disso, destaca-se também os riscos das redes sociais em uma “arquitetura digital do neoliberalismo” e no mundo da pós-verdade - entendido como “momento liminar de crise e de reorganização nas formas contemporâneas de produção da verdade” e como “uma condição epistêmica na qual qualquer enunciado pode ser potencialmente modificado por qualquer um”, onde as realidades “parecem proliferar em um contexto de desorganização epistêmica profunda, no qual a comunidade científica e o sistema de peritos de modo mais amplo deixam de gozar da confiança social e da credibilidade que antes detinham” (CESARINO, 2021, p.78).

Esses contextos têm ocupado um lugar de ameaça para a própria democracia, como algumas autoras têm discutido amplamente nos últimos anos, com destaque para Cesarino (2019, 2020a, 2020b, 2021), sobre a ascensão da extrema-direita no mundo ligado ao avanço do populismo digital, sobretudo brasileiro, e à intensificação da lógica neoliberal nas redes.

Este cenário posiciona a interface Educação e Comunicação em um contexto de intensos desafios, reforçando a urgente necessidade de investimento em uma alfabetização midiática.

Iniciativas de combate à desinformação têm sido discutidas no cenário internacional há alguns anos, como é o caso da Finlândia. O país possui em seu currículo a disciplina de alfabetização mediática/letramento midiático desde 2016, trabalhada nas escolas desde a pré-escola. O assunto é trabalhado, por exemplo, por meio da análise de notícias e mídias sociais, até a atividade de manipulação de imagens pelos alunos para que percebam a facilidade de criar e disseminar informações falsas, além de obterem capacidade de perceber *fake news*.<sup>11</sup>

A iniciativa tem mostrado resultados e coloca o país pela quinta vez consecutiva em primeiro lugar em uma pesquisa envolvendo países europeus sobre o índice de resiliência à desinformação, feita pelo instituto Open Society<sup>12</sup>. Países como Noruega, Dinamarca, Estônia, Irlanda e Suécia também se encontram em ótimas posições no combate à desinformação.

Isso abre oportunidade para o debate em outros países, como o Brasil, que se mostra tão carente de políticas públicas de educação que trabalhem efetivamente contra a desinformação.

As redes sociais, para além de seus limites aqui discutidos, são meios de democratização das informações e ampliam as discussões acerca de espaços não formais de educação e a possibilidade de legitimação de saberes construídos nesses espaços, sobretudo no que tange à temática da interculturalidade e questões étnico-raciais. Mostram, ainda, grande potencial na construção de práticas pedagógicas antirracistas em ambientes online, ao passo em que os

---

<sup>11</sup> Relato de experiência de uma professora na Finlândia: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/01/como-a-finlandia-esta-ensinando-uma-geracao-a-detectar-desinformacao.shtml>

<sup>12</sup> Fontes: <https://veja.abril.com.br/mundo/como-a-finlandia-esta-ensinando-os-jovens-a-nao-cairem-em-fake-news/>; <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63390825>



influenciadores aqui acompanhados, bem como outras figuras com influência na internet, parecem ocupar um lugar de mediação desta aprendizagem para indivíduos nas redes, seja por meio da disseminação de conteúdos propriamente antirracistas, seja pela oportunidade proporcionada de construção de sentimentos de identificação e representatividade negra, evidenciando a importância de ocupar esses espaços na luta contra o racismo.

Vale ressaltar, ainda, que a inclusão do universo da cibercultura e ciberespaço nas discussões da Antropologia e da etnografia tem sido alvo de intensas pesquisas no campo das ciências sociais nas últimas décadas e tem se revelado como um campo de infinitas possibilidades, discussões com as quais este trabalho pretendeu dialogar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Org.). O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

#BLACKLIVESMATTER EM NÚMEROS. **Gente Globo**, 2020. Disponível em: <<https://gente.globo.com/blacklivesmatter-em-numeros/>>. Acesso em: 15 de set. de 2020.

BOYD, D. Social Network Sites as networked publics : Affordances, Dynamics, and implications. In : PAPACHARISSI, Z. (Ed.). **A Networked Self: Identity, Community and Culture on Social Network Sites**. London : Routledge, 2011.

CÂMARA, Rosana Hoffman. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações**. Revista Interinstitucional de Psicologia, 6(2), jul-dez, 2013,179-191.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. PEDAGOGIA DECOLONIAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E INTERCULTURAL NO BRASIL. Educação em Revista. Belo Horizonte. v.26, n.01, p.15-40. abr. 2010

CESARINO, Letícia. **Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade**. CIVITAS – Revista de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 21 (2): 304-315, maio-ago. 2021

CESARINO, Letícia. **Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética**. Ilha, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.

CESARINO, Letícia. **Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 63, n. 1, 2019.

CESARINO, Letícia. What the Brazilian 2018 elections tell us about post-truth in the neoliberal-digital era. Cultural Anthropology, Hot Spots, 2020a.

CESARINO, Letícia. **Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil**. Internet & Sociedade, [s.l.], v. 1, n. 1, 2020b.

COGO, Denise; MACHADO, Sátira. **Redes de negritude: usos das tecnologias e cidadania comunicativa de afro-brasileiros**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 33., Caxias do Sul-RS, 2010. Anais eletrônicos... Caxias do Sul, 2010. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1650-1.pdf>>. Acesso em: 26 de agosto de 2020.

COLETIVA CIBORGA. **Etnografia digital: um guia para iniciantes nos estudos da linguagem em ambientes digitais [Ebook]**. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

COSTA, Isabelle Karoline Melo da. **CIBERFEMINISMO NO INSTAGRAM: CAMINHOS PARA O RECONHECIMENTO DE VIOLÊNCIAS EM RELACIONAMENTOS**

ABUSIVOS. TCC (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. 71f. 2022.

DAUSTER, Tania. **Antropologia e educação: um saber de fronteira**. Rio de Janeiro: Forma&Ação, 2007.

DAUSTER, T. **Um diálogo sobre as relações entre etnografia, cultura e educação** – representações e práticas. Linhas Críticas, [S. l.], v. 21, n. 44, p. 39–56, 2015. DOI: 10.26512/lc.v21i44.4465.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4465>. Acesso em: 7 fev. 2023.

FONSECA, Juliana Santos et. al. **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E REDES SOCIAIS: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 3 N. 3 – pág. 316-338 (out/2017 – jan/2018): “Decolonialidade e Educação: entre teorias e práticas subversivas” – DOI: 10.12957/riae.2017.29710

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, E. Tânia; GOMES, L. Graziela. Uma antropologia da cibercultura. Vivência: Revista de Antropologia, v.1, n.45, 17 nov. 2015.

FREITAS, E. Tânia. Lecture. As implicações da etnografia on-line. Webinar 2. Youtube, 9 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=odSffFKVw64&t=13s>>

GARCÊZ, Regiane Lucas. **A REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DOS OPRIMIDOS NAS REDES SOCIAIS ONLINE: QUEM FALA EM NOME DE QUEM E COM QUAL LEGITIMIDADE?** Contemporanea | comunicação e cultura - v.11 – n.02 – mai-ago 2013 – p. 304-321 | ISSN: 18099386

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** São Paulo: Revista Brasileira de Educação. Associação Nacional de Pós – Graduação e Pesquisa em Educação, 2002.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia e educação: um campo e muitos caminhos**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v.21, n.44, p. 19-37, jan./abr. 2015.

INGOLD, Tim. “Sobre levar os outros a sério”. In: **Antropologia: para que serve?** Petrópolis: Vozes, 2019, pp. 7-19.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas/SP: Papirus, 2012.

LEITÃO, Debora Krischke; GOMES, Laura Graziela. **Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões**. Antropolítica, número 42. Revista de Antropologia do PPGA/UFF. Niterói, 2017. p. 41-65.

LEMONS, André. Cibercultura como território recombinate. In: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson. **A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e**

nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber ; Instituto Itaú Cultural, 2009.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **ETNOGRAFIA ON E OFF-LINE: CIBERCAFÉS EM TRINIDAD**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

NASCIMENTO, Maria Cecília Ribeiro Nunes. **NARRATIVAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS FEMINISTAS NA INTERNET: mídias digitais e suas implicações na educação contemporânea**. TCC (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. 26f. 2022.

NASCIMENTO, Raimundo Nonato Ferreira do. **INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA EM RORAIMA: DA NORMATIZAÇÃO À PRÁTICA COTIDIANA**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia e Museologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 266f. 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever**. Revista de Antropologia, Vol. 39, No. 1 (1996), pp. 13-37

PALETTA, Francisco Carlos; LAGO, Jader Jaime Costa do. Plataformização e o uso da informação para a criação de estímulos de consumo. *e-Ciencias de la Información*, v.12, n 1. jan-jun/2022.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação**. Horiz. antropol., Porto Alegre , v. 23, n. 49, p. 149-176, set. 2017.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; DIJCK, José van. Plataformização. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* 22(1):2-10 janeiro/abril 2020.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Revista esferas*, Ano 2, nº 3, julho a dezembro de 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126

RAMOS, Jair de Souza; FREITAS, E. Tânia. *Etnografia Digital*. Revista de Antropologia do PPGA/UFF. Niterói, 2017

RAMOS, S. LICORI, E. S. UTZIG, A. A. B. A visão discriminatória e estereotipada sobre o negro no contexto escolar. *Anais CONEDU II*, v. v.2, p. 1-12, 2015.

REIS DA SILVA, Ana Tereza. SOARES, Iassana Rodrigues. **A diversidade cultural como potência pedagógica:** do encontro à educação intercultural. Roteiro, Joaçaba, v. 46, jan./dez. 2021.

SILVA, Ângela Noletto da. VERSUTI, Andrea Cristina. TELES, Lúcio França. Pistas sobre narrativas produzidas no digital por jovens à luz da ecologia dos meios – a plataforma WATTPAD em análise. In: VERSUTI, Andrea Cristina e SCARELI, Giovana (orgs). Paradigmas da nova educação. Ria Editorial. 1ª edição, Aveiro, Portugal, dezembro/2021

SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. Alfabetização Midiática na era da desinformação. ECCOM, v. 11, n. 21, jan./jun. 2020.

VERSUTI, Andrea Cristina. LIMA, Daniella de Jesus. Produção de conteúdo transmidiático por fãs: potencialidades para a aprendizagem colaborativa. In: VALENTE, José Armando. FREIRE, Fernanda Maria Pereira. ARANTES, Flávia Linhalis. **Tecnologia e Educação:** passado, presente e o que está por vir. Campinas, SP : NIED/UNICAMP, 2018.

WALSH, Catherine. La educación Intercultural en la Educación. Peru: Ministerio de Educación. (documento de trabalho), 2001.